

VOCABULÁRIO TEMÁTICO DA ASSOCIAÇÃO LASSALISTA

Irmão Antonio Botana
Secretariado para os Associados Lassalistas

ROMA, dezembro de 2006.

I - ASSOCIAÇÃO LASSALISTA **Abordagem do Conceito Central**

1 UM TERMO COM DIVERSOS SIGNIFICADOS

1.1 Ambigüidade e Conveniência do Termo

O termo “associação”, atualmente, é empregado para designar realidades muito diversas. Por isso, é muito importante estar a par dessa ambigüidade, porque pode dificultar e falsear a compreensão, ou fazer com que o emissor e o receptor se encontrem na mesma onda.

Para iniciar, poderíamos perguntar-nos, por que manter em uso esse termo “Associação Lassalista”, se o seu significado pode ser confundido tão facilmente? Por que não empregar outro termo menos ambíguo? – Seguem dois motivos a favor de prosseguirmos empregando o termo:

- O primeiro refere-se a nossas raízes: Este foi o termo através do qual La Salle e os Irmãos das origens do Instituto quiseram espelhar sua experiência de comunhão para a missão. “Associação” vem a ser como a ponte que permite que nos ponhamos em contato com a experiência carismática deles. Por outro lado, vemos que a dificuldade, enquanto à ambigüidade do termo, é a mesma que se encontra em outros termos ligados à experiência religiosa, que, por sua vez, amiúde são empregados para designar experiências muito distanciadas do religioso. Basta pensar no termo “amor”, por exemplo, que no Novo Testamento designa a essência de Deus...
- O segundo refere-se à prática eclesial que se vai impondo no campo da colaboração entre religiosos e leigos que participam no mesmo carisma. Essa relação costuma ser designada pelo termo “associação”. No nosso caso, o termo não é reservado apenas para os leigos que partilham conosco o carisma lassalista, mas identifica também os religiosos partícipes desse carisma. Os Irmãos são, historicamente, os primeiros “associados lassalistas”.

1.2 A “associação” como organização jurídica

No âmbito social mais comum, tanto no mundo francófono, no anglófono, no hispanófono, no lusófono, por “associação” se entende uma organização cujos membros estão vinculados por um contrato que se refere à consecução ou à defesa de objetivos muito concretos, ou à proteção mútua dos membros da Associação. Tem um matiz nitidamente jurídico, e é regulamentado por leis sociais.

- No mundo lassalista temos “associações” deste tipo: Associação dos Centros Lassalistas, Associação dos Diretores de Colégios, Associações de Professores Lassalistas, Associação de Antigos Alunos...
- Mas também os Institutos religiosos, como é o caso dos Irmãos das Escolas Cristãs, têm que assumir esse caráter de “organização jurídica” de acordo com as leis vigentes em cada país, para poderem exercer na sociedade as funções próprias de sua missão. Na Bélgica, por exemplo, os Irmãos estão constituídos em “Associação sem fins lucrativos”, de acordo com a legislação do país. *Também no Brasil (nota do tradutor- Estatuto).*

1.3 A “associação” como organização eclesial

O Código de Direito Canônico utiliza o termo “associação”, para referir-se às organizações eclesiais de fiéis, com ou sem personalidade jurídica, constituídos para desenvolver juntos algum aspecto da vida cristã, ou viver segundo o espírito de algum mestre espiritual (*cf. cânones 215 e 303*). Essas organizações, em princípio, não necessitam de reconhecimento canônico oficial, e neste caso o CDC as denomina de “associações particulares de fiéis”. Se os membros dessas organizações assim desejarem, podem ser reconhecidas oficialmente pela autoridade eclesiástica, sem, por isso, deixar de ser “associações particulares de fiéis”, com ou sem personalidade jurídica. E, finalmente, podem ser reconhecidas como “associações particulares de fiéis” sempre com personalidade jurídica, e ter assim a faculdade de desempenhar certas funções em nome da Igreja, como sejam, a educação cristã e a catequese.

- No mundo lassalista há muitas “associações particulares de fiéis”. A Associação “Signum Fidei” é uma delas, mas existem muitas outras de caráter local. Na data atual (2006) não existe nenhuma reconhecida como “associação pública de fiéis”.
- Os Institutos religiosos lassalistas de Irmãos e de Irmãs, e o Instituto Secular “Catequistas de Jesus Crucificado e de Maria Imaculada” são “associações de caráter canônico”, mas se denominam de “Institutos de Vida Consagrada” (*Cânones 573 e 710*).

2 A “ASSOCIAÇÃO” EM SENTIDO CARISMÁTICO

2.1 A participação no carisma lassalista

Quando falamos de “associação” no sentido primário de *participação no carisma lassalista*, o organizativo e o jurídico, e inclusive a validação canônica, passam para um segundo plano, como também o aspecto do contrato. Em troca, passa para o primeiro plano tudo o que se refere à comunhão entre pessoas, comunhão num mesmo carisma, para participar na missão que justifica essa associação. É algo muito “existencial” e tem a ver com conceitos tão vitais como “processo ou itinerário”, “vocação”, “identidade”, “relação entre pessoas”, “compromisso” e, inclusive “consagração”, isto é, referência explícita a Deus. Todos esses matizes estão presentes no termo “associação”, quando a perspectiva central é a participação no carisma lassalista.

2.2 Uma raiz trinitária

É preciso, obrigatoriamente, ligar à Trindade a associação lassalista, em seu sentido carismático. Esta é sua raiz mais profunda, porque, na substância, associar-se para a missão lassalista, conforme São João Batista de La Salle o entende, é participar na comunhão e na missão salvadora da Trindade e, por isso mesmo, é “procurar a glória de Trindade”. Por isso, o termo “associação”, no sentido carismático lassalista, corresponde ao de “consagração”, e reciprocamente (*ver neste Vocabulário o termo “consagração”*).

Para valorizar esta raiz trinitária da associação lassalista temos que recorrer à meditação 201 de São João Batista de la Salle. Nela o Fundador nos patenteia qual é o manancial de vida da associação que nos reúne: é uma experiência de comunhão e de participação na própria vida da Santíssima Trindade, em sua tarefa salvadora, concretizada na educação cristãs das crianças e dos jovens.

Ao longo da meditação, La Salle nos dá a conhecer as três Pessoas Divinas atuando na missão da salvação, cada uma de maneira peculiar, e cada uma associando no mesmo dinamismo a Igreja e seus ministros (nós). É o retrato *da Comunhão para a Missão* em seus mananciais mais originais: a Trindade, Jesus Cristo e a Igreja. À vista desses mananciais, La Salle nos convida a partilhar e entrar “*diligentemente*” nessa aliança; partilhamos a Obra de Deus e o trabalho na vinha do Senhor; partilhamos os dons que o Espírito Santo nos deu para construir a Igreja; partilhamos o zelo de Jesus Cristo por sua Igreja, e o da Igreja por seus fiéis; partilhamos o zelo de Deus pela salvação das almas, e o de Jesus Cristo, Bom Pastor, por suas ovelhas...

2.3 Uma raiz eclesiológica

A associação lassalista, desde há uns poucos anos, já não se limita à associação entre os Irmãos, mas tem incluído formas muito diversas de associação. Encontramos na eclesiologia as raízes da nova associação que, hoje, está recuperando o que fora prática habitual entre os primeiros cristãos, conforme nos mostra o Novo Testamento.

Vejamus isto num texto de São Paulo, *Romanos 16, 1-6*. Mencionam-se ali uma grande diversidade de pessoas (até 28), todas elas unidas na comunhão e na missão, ao lado de Paulo, e por diferentes motivos. Algumas delas, como Paulo, são *consagradas totalmente* ao ministério da Palavra; outras estão desempenhando, com maior ou menor intensidade *tarefas explicitamente missionárias* entre as quais se citam dois casais; muitas outras pessoas contribuem simplesmente com o *carisma da presença*, o apoio afetivo, a solidariedade nas dificuldades e no sofrimento. Todas elas *partilham o risco da fé* por causa de Cristo. Entre elas a procedência social é muito variada: homens e mulheres, escravos e livres...

É a maneira concreta de *associação para a missão* entre consagrados e leigos: não é só a colaboração na obra, mas *a comunhão nas vidas*, o relacionamento fraterno, o afeto declarado, a responsabilidade partilhada... e sem precedências “a priori” de uns sobre outros.

2.4 A associação entendida como “processo”

“Associação” entendida como “processo”, inclui os dinamismos que favorecem a assimilação do carisma lassalista: durante este processo, a pessoa se apropria a identidade lassalista e se faz solidária com os demais lassalistas, para incentivar “juntos e por associação” a missão educativa lassalista. Abreviadamente: *é o processo de comunhão para a missão a partir do carisma lassalista*.

O 43º Capítulo Geral explicitou esse processo assinalando as características lassalistas que nele se desenvolvem, e às quais depois se refere para descrever um “associado”:

“Há Colaboradores que percorreram um longo caminho de participação na missão lassalista, e que se sentem chamados a aprofundar e participar no carisma, na espiritualidade e na comunhão lassalista. Em particular, suas vidas já são marcadas por certo número de características lassalistas de referência:

- Uma vocação para viver de acordo com o carisma de São João Batista de La Salle e seus valores;
- Uma vida de fé que descobre Deus na realidade da vida diária, à luz da Sagrada Escritura; e, para as pessoas de outras religiões, segundo seus próprios textos sagrados;
- Uma experiência de comunidade, vivida de uma forma ou outra, de acordo com a identidade de cada um;
- Uma missão no serviço a pobres, com certo tempo de duração;
- Uma abertura universal capaz de abrir as dimensões que superam o pessoal e a realidade local imediata” (*Circular 447, página 7*).¹

2.5 A associação referida ao “conjunto de associados”

“Associação”, entendida como *resultado do processo*, refere-se ao conjunto de associados. A locução “*Associação lassalista*” neste nível de compreensão ainda não se fixou nem satisfaz a muitos, pois facilmente se confunde com as organizações jurídicas a que nos referimos acima.

- Descarta-se sua equivalência com “*Família Lassalista*”, pois esse termo inclui muitas pessoas com vínculos muito variados em relação com La Salle. Mas, aceita-se que a “associação lassalista” está integrada na “*Família Lassalista*”.
- Aumenta a tendência de vê-la como “a comunhão de comunidades lassalistas”. Neste sentido, a locução “*Comunidade Lassalista*” poderia responder a esse conceito. Na realidade, o equivalente desta locução atualmente é utilizado por outras Congregações religiosas para designar o conjunto das pessoas que vivem a comunhão no carisma respectivo (por exemplo: Comunidade Viatoriana). Por ora, entre nós emprega-se somente em alcance local, e não universal.

3 MISSÃO E COMUNHÃO: Os dois eixos centrais da Associação

3.1 Missão: envio e tarefa

O termo “Missão” reúne dois conceitos complementares entre si. Nem sempre são tomados em conta esses dois conceitos, o que origina confusões ou um emprego inadequado do termo:

- **Envio.** A raiz etimológica de “missão” é “missio”, do latim, e significa primeiramente “envio” ou “encargo”.² Relaciona-se com “chamado” ou “vocação”.
- **Tarefa.** O objeto do envio, o “para quê” se é enviado, é o outro conceito que se expressa com o termo “missão”, e que, inclusive, monopolizou o termo.

3.2 Base antropológica e social da Missão

A missão tem, antes de mais nada, um rosto humano, antes de ser vista a partir da fé.

3.2.1 O significado antropológico da missão revela-se na relação que se estabelece entre dois seres humanos, quando a necessidade de um é experimentada pelo outro como um apelo que lhe está solicitando resposta.

¹ A indicação de página sempre é da *Tradução para o português* do Documento, caso ele tenha sido impresso.

² Este conceito é o que dá significado à frase usada entre as Congregações religiosas: “dar ou receber uma obediência”, bem como à nomeação recebida do bispo para poder ensinar a religião católica na diocese.

Não basta descobrir ou perceber uma necessidade, ou melhor, uma pessoa necessitada, para que exista “missão”. É preciso sentir-se urgido ou enviado a dar uma resposta ou uma solução a essa necessidade. É aqui que inicia a missão. Este é seu primeiro componente antropológico, com uma dupla faceta de “chamado/envio”. O segundo componente corresponde à missão como tarefa: a pessoa que recebe o envio tenciona dar uma resposta eficaz para solucionar a necessidade que motivou o envio.

Esta base antropológica nós a encontramos na raiz da **missão lassalista**: João Batista de La Salle, primeiro, e logo depois aqueles que se uniram a seu projeto, descobriram a necessidade de educação das crianças e dos jovens pobres, a sentiram como um apelo premente, e aceitaram dar-lhe uma resposta ao pôr em execução um projeto de educação voltado a resolver aquela situação de necessidade.

3.2.2 O significado social de missão apóia-se nesta base antropológica. Quando uma necessidade é experimentada como tal pelos agentes sociais ou os representantes da sociedade nos diversos níveis, eles buscam e encarregam a outros para que lhes dêem uma solução. Essa preocupação social, com frequência, se desencadeou graças ao sinal profético provocado por aqueles que antes experimentaram a missão em seu nível antropológico. E como estes mesmos deram uma resposta eficaz por própria iniciativa, recebem o respaldo social na forma de “envio” dando logo essa resposta, agora já de forma oficial.

A base social da missão dá origem ao *funcionariado*. O funcionário é um enviado para resolver uma situação social de necessidade. Mas, quando desaparece a base antropológica, o funcionariado se reduz a uma forma de ganhar a vida.

Na **missão lassalista** aparece em seguida sua dimensão social quando os representantes sociais ³ começam a encarregar das escolas a João Batista de La Salle e aos primeiros Irmãos das Escolas, e os próprios pais confiam seus filhos aos Irmãos para que esses os eduquem. Nesses momentos, a educação ministrada pelos Irmãos através das escolas já é uma missão social, e eles passam a ser *funcionários* a serviço dessa sociedade.

Contudo, há uma diferença essencial entre esses “funcionários” (os Irmãos) e os outros funcionários que se opunham a eles (os mestres calígrafos). E é que estes perderam, ou não desenvolveram a dimensão antropológica da missão, pelo que, o quê estão fazendo se reduz a uma forma de ganhar a vida. A diferença entre uns e outros funcionários não está primariamente na tarefa que executam, mas no vínculo que une a cada um deles com a tarefa que executam. Esse vínculo é, em uns, o simples proveito pessoal; em outros, a resposta à situação de necessidade dos destinatários.

**** Estas duas primeiras dimensões da missão parecem fundamentais, especialmente na sociedade secularizada em que frequentemente se desenvolve hoje a missão lassalista. Nas obras educacionais encontram-se agentes com variadas motivações, mentalidades e posições religiosas. É fácil coincidir numa base comum: a dimensão social da missão educativa. Todos são enviados pela sociedade (responsáveis políticos, pais...) a desenvolver um trabalho educativo. Com título oficial ou sem ele, todos são *funcionários* sociais. A partir dessa base comum, é preciso ajudar a

³ Os “representantes sociais” para este efeito e naquele momento dos começos lassalistas, eram o clero paroquial e o diocesano, os grupos municipais responsáveis pelo atendimento dos pobres nas vilas e nas cidades, as agremiações e corporações de artesãos e, finalmente, leigos cristãos que, a título individual ou como membros de associações piedosas, promoviam a educação dos pobres como parte da Contra-reforma católica.

descobrir e aprofundar a raiz que dá vida à dimensão social, e esta é a dimensão antropológica da missão.

Trata-se de despertar e cultivar em cada educador a sensibilidade que lhe permita perceber como apelos as necessidades de seus alunos, e, mais em geral, das crianças e dos jovens especialmente pobres, e descobrir sua tarefa educativa como a arte de dar a melhor resposta possível às citadas necessidades.

3.3 Base evangélica e eclesial da Missão

3.3.3 Podemos ver o **sentido evangélico** de missão refletido pelo próprio Jesus na parábola do dono da vinha que, ao longo do dia, em horas diferentes, sai para contratar trabalhadores para sua vinha (*Mt 20, 1-16*).

Os trabalhadores recebem a “*missio*” do dono da vinha: “*Ide vós também trabalhar na minha vinha*”. Deus é quem chama; a iniciativa é dEle. A missão como *tarefa* é simbolizada pelo trabalho na vinha, mas também se identifica com a própria vinha.

Na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, João Paulo II (1988) toma esta parábola dos trabalhadores da vinha como o fio condutor de todo o seu discurso. O quê é a vinha, e quem são os trabalhadores?

“A parábola do Evangelho abre aos nossos olhos a imensa vinha do Senhor e a multidão de pessoas, homens e mulheres, que Ele chama e envia para trabalhar nela. A vinha é o mundo inteiro (cf. Mt 13,8) que deve ser transformado segundo o plano de Deus em ordem ao advento definitivo do Reino de Deus” (ChL 1).

“Ide vós também. A chamada não diz respeito apenas aos pastores, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, mas estende-se aos fiéis leigos: também os fiéis leigos são pessoalmente chamados pelo Senhor, de quem recebem uma missão para a Igreja e para o mundo”(ChL 2).

3.3.2 O sentido eclesial de missão está na continuidade com o sentido evangélico expresso na parábola acima citada. O primeiro aspecto que devemos destacar é a origem da missão, de quem parte o envio, e para quem serve esse envio. Paulo VI desenvolve o tema num documento fundamental da etapa pós-conciliar, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*:

“A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos Doze. (...) Nascida, por conseguinte, da missão de Jesus Cristo, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai..., por sua vez é enviada por Ele... Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizador, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar. A comunidade dos cristãos, realmente, nunca é algo fechado sobre si mesmo... Assim, é a Igreja toda que recebe a missão de evangelizar, e a atividade de cada um é importante para o todo” (EN 15.2 e 3).

Jesus é, pois, a origem da missão eclesial; esta é, simplesmente, continuação da missão de Jesus, e essa missão consiste em evangelizar. A missão é central na identidade da Igreja. Na realidade, é o que justifica a própria existência da Igreja.

“A tarefa da evangelização de todos os homens constitui a missão essencial da Igreja... Com efeito, evangelizar constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais pro-

funda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça... (EN 14).

Tradicionalmente têm-se empregado estes dois termos, *salvar* e *evangelizar*, para especificar o objetivo da missão eclesial. Mas é importante notar a amplitude a que chega cada um deles, conforme os entende a Igreja em sua reflexão, desde o Concílio Vaticano II:

“É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renovada. É, portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade, que será o eixo de nossa explanação” (Gaudium et Spes, 3).

“A evangelização é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado” (EN 24).

João Paulo II dirá que essa missão tem como finalidade *“dar a conhecer a todos, e fazer com que todos vivam a “nova” comunhão que, no Filho de Deus feito homem, entrou na história do mundo”* (ChL 32, 4).

É questão, pois, de um processo muito amplo que abarca muitos aspectos que é preciso ter presente, e que ninguém pode desenvolver por si só: *“Nenhuma definição parcial e fragmentária chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar”* (EN 17, 2).

A identidade da Igreja forja-se no dinamismo estabelecido entre esses dois pólos: *evangelizar e ser evangelizada*. E, neste dinamismo, vêm-se envolvidos todos os membros da Igreja, que se apresenta, ela mesma, como uma comunidade que tenciona ser evangelizadora e evangelizada ao mesmo tempo:

“Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor” (EN 15, 4)

Situada dentro desse dinamismo, a Igreja se reconhece como *“depositária da Boa-Nova que deve ser anunciada”* (EN 15.5), e com essa consciência, *“enviada e evangelizada, a própria Igreja envia os evangelizadores. É ela que coloca nos lábios deles a Palavra que salva, que lhes explica a mensagem de que ela mesma é depositária, que lhes confere o mandato que ela própria recebeu e que, enfim, os envia a pregar”* (EN 15.6).

A missão se desdobrará de diversas maneiras, numa grande variedade de serviços e de ministérios, mas sempre será **a única missão da Igreja**: *“Existe na Igreja diversidade de serviços, mas unidade de missão”* (Apostolicam actuositatem, 2.2).

A missão eclesial é missão de todos e de cada um, e, em nenhum caso pode tratar-se de um ato individualista: *“Evangelizar não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial”* (EN 60).

3.3.3 É nesta referência conceitual da missão eclesial que situamos a **missão lassalista**. Todos nós que participamos nesta missão, recebemos o envio da Igreja, e através dela, do próprio Jesus Cristo, enviado do Pai (cf. *Meditações de São João Batista de La Salle para o Tempo de Retiro, especialmente as de nºs 192,2 e 201,2*).

A missão educativa lassalista é uma missão eclesial porque é uma participação na missão salvadora e evangelizadora da Igreja. Complementa-se com o resto da missão eclesial, como uma parcela da única vinha (*Med. 199,1*). Ela contribui eficazmente na construção da Igreja, Corpo de Cristo, como o santo Fundador assevera repetidamente (cf. *Med. 193,3; 198,3; 199,1.3; 200,1,...*).

As tarefas concretas que compõem a missão educativa lassalista, desde a mais “profana” até a mais “religiosa”, são parte do único processo de evangelização, e, legitimamente, podem ser qualificadas como “tarefas eclesiais”. Neste único processo se reúnem e integram as bases ou dimensões a que nos referimos: antropológica, social, evangélica, eclesial. Dentro desse processo, sem separar-se dele, adquire relevo especial a função catequética ou o aprofundamento da fé, da qual os Irmãos foram incumbidos desde as origens do Instituto, como “sua principal função” (*R 15*).

3.4 Missão única, missão partilhada

3.4.1 A missão eclesial é partilhada

Tendo como tela de fundo a parábola dos trabalhadores da vinha, procuremos agora captar o sentido de outra característica essencial à missão eclesial, e, portanto, também à missão lassalista: é uma missão *partilhada*. Não se trata de algo acrescido, mas de algo que lhe é próprio.

O chamado e o envio (primeiro conceito de “missão”) trazem consigo o reconhecimento de uma série de qualidades e habilidades que tornam o sujeito apto para o encargo de que será incumbido. O enviado também se prepara, adquirindo recursos e conhecimentos que lhe permitam cumprir exitosamente a tarefa encomendada. Neste sentido, o enviado – pessoa, grupo, instituição – pode converter-se em mediador para outros, ao aceitar partilhar essa riqueza com a qual serve à missão.

Sob esta perspectiva, a “missão partilhada” inicia com o reconhecimento mútuo entre os enviados e, como consequência, o partilhar entre si aquilo que tanto a uns como a outros ajuda a serem fiéis ao envio acolhido.

Os enviados à missão se encontram na “vinha” com outros enviados, outros trabalhadores. Não cabe a eles decidir se partilham a missão (o trabalho na vinha) com outros trabalhadores. É o Dono da Vinha que envia a uns e a outros; é Ele quem chama para trabalhar na vinha, e o faz como quer, quando quer, a quem quer. A missão é *partilhada*, primeiramente, porque esta é a vontade do Dono da vinha.

Ao trabalhar na vinha, ao se encontrarem uns com os outros, a se reconhecerem como enviados, dão-se conta que “juntos” hão de cumprir a tarefa. “Juntos” significa postos de acordo, colaborando e ajudando-se mutuamente, sentindo-se co-responsáveis... A missão os leva à comunhão. Os resultados na missão dependerão da qualidade dos vínculos de comunhão que os trabalhadores tiverem criado entre si.

3.4.2 Missão partilhada lassalista

Assim como hoje a conhecemos, a missão partilhada lassalista inicia quando os Irmãos reconhecem que outras pessoas com identidades diferentes, também são chamadas pelo Dono da vinha com o mesmo encargo, “a educação humana e cristã das crianças e dos jovens, especialmente de pobres”. E, conseqüentemente, aceitam partilhar o carisma que os capacita para a missão, a espiritualidade que lhe dá sentido, a herança histórica que iniciou com o Fundador e seus escritos, a cultura que se foi forjando... Os Irmãos, assim, se tornaram *mediadores* do Espírito para a transmissão do carisma lassaliano. Logo vem a reciprocidade, porque os novos enviados também partilham seus dons com os primeiros.

Nesta participação recíproca de dons se incrementam os *itinerários pessoais* dos “enviados”, e a *identidade lassalista* coletiva.

Simultaneamente, ao juntos se encontrarem na missão ou na tarefa, os enviados lassalistas se dão conta que a missão os convoca à comunhão. Não podem limitar-se a formar “equipes de trabalho”, porque a tarefa que lhes incumbe é construir a comunidade humana com as crianças e os jovens; é introduzi-los, especialmente os pobres, nos relacionamentos comunitários dos filhos de Deus; é oferecer-lhes a acolhida da comunidade eclesial. Essa missão ou tarefa exige deles próprios vivenciarem e desenvolverem a comunhão, nas diversas formas de comunidade que a iniciativa e a generosidade de uns e de outros, animados pelo Espírito, incitam a construir.

3.5 COMUNHÃO: Fonte e fruto da missão

3.5.1 Eclesiologia de Comunhão

Missão e comunhão são dois conceitos que devem ser vistos um em relação ao outro, se quisermos compreender seu significado na referência eclesial, e para podermos compreender, à sua luz, o sentido da Associação Lassalista.

Os dois conceitos se integram na “*eclesiologia de comunhão*”, que é a idéia central e fundamental dos documentos do Concílio Vaticano II (cf. *ChL 19, 1*). Missão e comunhão são as duas dimensões essenciais da fé cristã; elas nos permitem entender, ou melhor, introduzir-nos na identidade, ou no mistério da Igreja. “*Só no interior do mistério da Igreja como mistério de comunhão se revela a “identidade” dos fiéis leigos,* (ChL 8,6) como dos demais membros da Igreja.

A reflexão eclesial nos 40 anos após o Concílio Vaticano II tem sido de aprofundamento em espiral a partir destes dois eixos, *Missão e Comunhão*, para tornar bem manifesta a identidade da Igreja e de seus fiéis.

A comunhão que aqui assinalamos como “eixo” não se reduz a uma relação horizontal humana, pois tem suas raízes e seu ponto de partida na comunhão com Jesus e a Santíssima Trindade. “*Da comunhão dos cristãos com Cristo brota a comunhão dos cristãos entre si: todos são ramos da única videira, que é Cristo. Para o Senhor Jesus esta comunhão fraterna é o maravilhoso reflexo e a misteriosa participação na vida íntima de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo*” (ChL 18.4).

O momento culminante desta reflexão provavelmente esteja em torno do documento de João Paulo II, *Christifideles laici* (1988), que veio depois do Sínodo dos Bispos de 1987, sobre a

vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo. O conteúdo central do mistério da Igreja, isto é, “sua identidade mais profunda” (EN 14), se identifica como “Igreja/Comunhão”. Este é o conteúdo central da evangelização, “do desígnio divino de salvação da humanidade” (ChL 19.4).

E aquela tenção de “*evangelizar e ser evangelizado*” de que falava Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*, se concretiza agora no dinamismo estabelecido entre *missão e comunhão*, numa relação íntima, onde uma não pode existir sem a outra, e onde uma se converte na outra, e reciprocamente:

“A comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si, se compenetraram e se implicam mutuamente, a ponto de *a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão*” (ChL 32.4).

A comunhão, pois, não fica encerrada no interior da Igreja, mas transborda-a e se faz missão:

“*Por sua vez, a Igreja sabe que a comunhão, recebida em dom, tem um destino universal. Assim, a Igreja sente-se devedora à humanidade inteira e a cada um dos homens pelo dom recebido do Espírito, que derrama nos corações dos crentes a caridade de Jesus Cristo, força prodigiosa de coesão interna e, ao mesmo tempo, de expansão externa*” (ChL 32.4).

Comunhão e missão, conjuntamente, formam o ambiente vital que reúne todos os fiéis e depende de todos. Neste *ecossistema* da Igreja-Comunhão cada um dos componentes vive em relação aos outros, sem perder sua especificidade, a qual é riqueza para todo o conjunto:

“*Na Igreja-Comunhão os estados de vida encontram-se de tal maneira interligados que são ordenados uns para os outros. Comum, direi mesmo único, é, sem dúvida, o seu significado profundo: o de constituir a modalidade segundo a qual se deve viver a igual dignidade cristã e a universal vocação á santidade na perfeição do amor. São modalidades, ao mesmo tempo, diferentes e complementares, de modo que cada uma delas tem uma sua fisionomia original e inconfundível e, simultaneamente, cada uma delas se relaciona com as outras e se põe a seu serviço*” (ChL 55.3).

3.5.2 Espiritualidade de Comunhão

A reflexão que se seguiu com os Sínodos em torno dos diferentes estados de vida na Igreja já se aprofundou no mistério da Igreja-Comunhão.

“*Vita Consecrata*” (1996) acrescentava o conceito de “*espiritualidade de comunhão*”: “O sentido de comunhão eclesial, desabrochando em *espiritualidade de comunhão*, promove um modo de pensar, falar e agir que faz crescer em profundidade e extensão a Igreja”. (VC 46).

E o documento *Novo millennio ineunte* com que João Paulo II saudava a chegada do novo milênio, desenvolvia este conceito, propondo-o como “*princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, as pessoas consagradas e os agentes de pastoral, onde se constroem as famílias e as comunidades*”.

“Espiritualidade de comunhão significa, primeiramente, uma olhada do coração, sobretudo, para o mistério da Trindade que habita em nós, e cuja luz deve ser também reconhecida no rosto dos irmãos que estão a nosso lado.

Espiritualidade de comunhão significa, outrossim, capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo Místico e, portanto, como ‘alguém que me pertence’...

Espiritualidade de comunhão é também capacidade de ver em face de tudo quanto existe de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como uma dádiva de Deus...

Por fim, espiritualidade de comunhão é saber ‘dar espaço’ ao irmão, levando mutuamente os fardos uns dos outros (cf. Gl 6, 2). ... (Novo millenio ineunte, 43).

Esta espiritualidade é como o sangue que circula pelas veias de todo o corpo de Igreja para chegar a todos os seus membros. Dele adquire vigor o grande desafio que João Paulo II propôs a toda a Igreja como vértice e conseqüência prática desta reflexão sobre a Igreja-Comunhão:

“Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: este é o grande desafio que teremos pela frente no milênio que inicia, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e responder também às profundas esperanças do mundo” (Novo millenio ineunte, 43)

3.5.3 Vida Consagrada e Projeto de Comunhão

O documento pontifício *Vita Consecrata* (1996), que foi precedido e preparado pela reflexão feita no Congresso Internacional de Religiosos (1993) e no Sínodo sobre a Vida Consagrada (1994), recuperava o valor e o significado da Vida Consagrada na Igreja, precisamente no contexto da comunhão eclesial e do serviço desta: *“Pede-se às pessoas consagradas para serem verdadeiramente peritas em comunhão e praticarem a sua espiritualidade como testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que está no vértice da história do homem segundo Deus”*(VC 46.1) .

O desenvolvimento pós-conciliar da eclesiologia de comunhão trouxera consigo um importante deslocamento da Vida Consagrada no seio da Igreja. Esse deslocamento, num primeiro momento, provocou a dúvida sobre seu sentido e seu valor na Igreja. Depois, a própria eclesiologia de comunhão veio em resgate da Vida Consagrada ao verificar sua necessidade e seu sentido profético, seu papel insubstituível no conjunto do projeto de comunhão em que a Igreja está empenhada. A Vida Consagrada enfrenta agora o desafio de incorporar-se decididamente nesse projeto de comunhão que pertence a toda a Igreja, e encontrar nele seu lugar junto aos demais cristãos, a serviço da comum e única missão eclesial.

Se em outros tempos a Vida Consagrada foi valorizada por aquilo que a separava do povo cristão, agora é especialmente estimada por aquilo que a une ao povo cristão, e por aquilo em que se converte em *sinal* que questiona, recorda, inquieta, denuncia e alenta.

“Missão peculiar da Vida Consagrada é manter viva nos batizados a consciência dos valores fundamentais do Evangelho” (VC, 33,1). – *“A Vida Consagrada existe na Igreja precisamente para se pôr a serviço da consagração da vida de todo o fiel, leigo ou clérigo”* (CV 33,2) – *“O fato de todos serem chamados a tornar-se santos não pode senão estimular ainda mais aqueles que, pela própria opção de vida que fizeram, têm a missão de o recordar aos outros”* (VC. 39, 2). – *“A Igreja confia às comunidades de Vida Consagrada a missão particular de **fazerem crescer a espiritualidade de comunhão**, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins, iniciando ou retomando incessantemente o diálogo da caridade, sobretudo nos lugares onde o mundo de hoje aparece dilacerado pelo ódio étnico ou por loucuras homicidas”* (VC. 51,1)

II ESPIRITO E INCREMENTO DA ASSOCIAÇÃO LASSALISTA

ASSOCIADOS LASSALISTAS

1. A quem se aplica o termo?

Essencialmente este termo designa as pessoas e, por extensão, os grupos que participam no carisma lassalista, responsabilizando-se de maneira explícita e decisiva, na solidariedade uns com os outros, do projeto educativo lassalista em seu conjunto.

De acordo com o 43º Capítulo Geral: “São reconhecidos como *associados* na missão lassalista, todos os grupos intencionais, e todas as pessoas que expressem sua resposta a uma vocação interior por um compromisso educativo que tenha características lassalistas, e que tenha sido autenticada pela autoridade competente” (*Circular 447, páginas 9 e 10*).

O “marco de referência” em que se reconhecem “as experiências de associação que se vivenciam ou que se irão vivernciar” é a Província, segundo o 43º Capítulo Geral, e cabe a seus representantes (o Provincial e seu Conselho, segundo o Capítulo Geral) o reconhecimento ou autenticação de novos associados (Id. 8).

O mesmo Capítulo Geral, no ano de 2000, reconheceu oficialmente como “*grupos intencionais lassalistas*” e, portanto, *associados*, os Institutos das *Irmãs Guadalupanas de La Salle*, das *Irmãs De La Salle do Vietnã*, dos *Catequistas de Jesus Crucificado e Maria Imaculada*, e os grupos de leigos *Signum Fidei* e *Fraternidade Lassalista* (cujo nome era *Ordem Terceira Lassalista* (cf. Circular 447, páginas 8 e 9).

2 Falta de unanimidade

O emprego deste termo é muito variável no mundo lassalista:

- Alguns o utilizam para designar a todos aqueles que colaboram na missão lassalista. Esta utilização parece abusiva, porque prescinde do mínimo indispensável que é a *intencionalidade* dos conjecturados “associados” de querer solidarizar-se no manutenção do projeto educativo lassalista.
- Outros restringem o termo para aplicá-lo unicamente aos leigos que tenham feito uma promessa formal de associação, depois de terem sido aceitos pelo Irmão Provincial e seu Conselho. Pode-se objetar que a *intencionalidade* e a *atitude* de associação nem sempre se expressam, nem principalmente, através de uma fórmula ou de um gesto oficial.
- Convém assinalar que o termo corresponde, primeiramente, aos Irmãos, pois, historicamente eles são os primeiros associados no carisma lassalista. Por isso não é muito correto dizer “os Irmãos e os Associados”, como se os Associados fossem somente os não-Irmãos, ou como se fossem estes os que se associam “com” os Irmãos, e não reciprocamente.
- É mais difuso e variável o uso do termo para reconhecer os associados “de fato”, isto é, aquelas pessoas que mesmo sem terem feito um sinal oficial ou jurídico, ou uma promessa externa, manifestem com sua atitude permanente e suas ações inconfundíveis que estão participando desta Associação.

4 O discernimento

No reconhecimento dos *associados*, é de todo conveniente evitar atitudes radicais de inclusividade e exclusividade. É bem mais conveniente assumir o discernimento para reconhecer a associação “de fato”, para a qual sempre deve ter havido uma situação prévia à associação “formal”, concedida esta, ou não. Manifesta-se:

- Numa atitude estável de solidariedade com os demais lassalistas e de compromisso com a missão lassalista;
- Na busca de alimento e de sentido na espiritualidade lassalista; na consciência de estar colaborando na obra de Deus;
- Num claro sentimento de pertença à resenha comum lassalista, e à Província; na participação assídua nos encontros provinciais ou regionais, bem como nos cursos e encontros de formação;
- Na participação em alguma experiência comunitária com outros lassalistas;
- Numa abertura universal capaz de abrir a dimensões que superam o pessoal e a realidade local imediata, ou seja, num interesse e abertura à universalidade da missão lassalista.

4 Dois níveis inseparáveis: o local e o universal

A pessoa associada manifesta sua pertença e interdependência em dois níveis intimamente relacionados:

- No nível imediato ou local, com um grupo de pessoas com as quais se vivencie no “aqui e agora” a comunhão, e onde se partilhe e aprofunde o carisma lassalista. Com elas se tencione construir ou reforçar o sinal da comunidade local ante os destinatários da missão, e para isto se trabalhe para desenvolver os vínculos de comunhão com os outros grupos lassalistas, e com todos quantos partilharem a missão local;
- No nível universal (ou que tenda para o universal), com a instituição Lassalista (Província, Região, Instituto...) em que o grupo local estiver inserido. Através dessa instituição se prolonga a solidariedade para o total da Associação e da Família Lassalista.

CARISMA LASSALISTA

1 Abordagem:

- **Em sentido amplo**, entende-se por *carisma* o dom ou a qualidade pessoal com ressonância social positiva.
- **Num contexto de fé:** Carisma é um *dom* que o *Espírito Santo* concede à pessoa para o serviço da comunidade, ou melhor, para contribuir na *missão* da comunidade.
“Os carismas, sejam eles extraordinários ou simples e humildes, são graças do Espírito Santo que têm, direta ou indiretamente, uma utilidade eclesial, ordenados como são à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo” (ChL 24.2).
- **O carisma lassalista** é o dom do Espírito Santo que nos permitiu descobrir, avaliar e dar resposta apropriada à educação humana e cristã das crianças e dos jovens, especialmente dos pobres. O dom foi concedido à Igreja na pessoa de São João Batista de La Salle, e encarnado na Comunidade Lassalista.

2 Carisma de Fundador e Carisma Fundacional

O “**carisma de Fundador**” é um carisma específico concedido a uma pessoa para fundar: para pôr em marcha uma identidade coletiva com um carisma participado a serviço de uma missão peculiar. *São João Batista de La Salle* teve esse carisma de fundador. Ele e os primeiros

Irmãos puseram em marcha o **carisma fundacional** (ou *carisma lassalista* das origens) para a missão de educar humana e cristãmente “*os filhos dos artesãos e dos pobres*”.

O carisma lassalista gera uma *afinidade espiritual* particular (cf. João Paulo II, in *Christi-fideles Laici*, 24) entre muitas pessoas, a serviço da educação cristã. É, pois, um carisma *participado* que dá lugar à *identidade lassalista*, e pode ser descoberto e vivenciado a partir de outras formas de existência cristã, distintas daquela em que nasceu historicamente.

3 A riqueza do carisma lassalista

O carisma é uma força, é uma atitude global ante a vida (ou um modo de encarar a vida, que coincide com o *espírito de fé*); é uma sensibilidade especial ante determinadas necessidades, que, no nosso caso são as necessidades educativas dos pobres, das crianças e dos jovens; é um sentimento de responsabilidade que se desperta dentro de nós para dar uma solução a essas necessidades; é a criatividade que se gera para que as respostas dadas sejam as melhores possíveis; e é a capacidade de discernir entre as opções possíveis que se nos apresentam, e os critérios com que teremos que atuar e dar respostas.

O termo “carisma” não pertence ao vocabulário inicial lassaliano, ainda que La Salle se tenha referido abundantemente ao Espírito e a seus dons. Mas o conteúdo do carisma lassalista, facilmente pode ser identificado nos escritos do Fundador em torno a este núcleo: *o espírito de fé e zelo, vivenciado em comunidade/fraternidade, a serviço de pobres*. A partir deste núcleo se depreendem outros elementos constituintes do carisma lassalista: o espírito de fé nos induz a descobrir nossa história e a experiência diária como história da salvação, na qual colaboramos com Deus para levar a salvação aos “*filhos dos artesãos e dos pobres*”. Esta é *Obra de Deus* para a qual Ele nos consagrou, nos fez *seus ministros*. Nós desempenhamos este ministério “*juntos e por associação*”. Vivenciamos a fraternidade, não só com nossos irmãos de comunidade, mas também com nossos alunos. Nossa educação visa a *mover os corações*, tem uma dimensão personalizadora cujo paradigma é a imagem do *Bom Pastor*.

COLABORADORES, COLABORADORAS - *PARTENAIRES* (francês) – *PARTNERS* (inglês)

1 Aqueles que compartilham a missão

Esses três termos, cada um em seu idioma, designam o conjunto de pessoas que participam de maneiras muito variadas na missão lassalista. O traço distintivo é a participação na missão, e não simplesmente um relacionamento afetivo ou de devoção religiosa. Notemos, também, que é um termo empregado a partir da óptica do Instituto dos Irmãos. O 43º Capítulo Geral refere-se a eles neste teor: “*Há Colaboradores que efetivamente partilham a missão lassalista em suas múltiplas expressões educativas, catequéticas, apostólicas, profissionais, contribuindo assim para a efetivação desta missão. Colaboram com convicção durante todo o tempo que estão conosco*” (Circ. 447, página 6).

2 Dificuldades com o termo “colaborador”

Na língua **espanhola**, este termo é o que mais dificuldades apresenta, suscita mais reticências, pois leva a sugerir uma relação de inferioridade dos leigos quanto aos Irmãos. Na realidade não é o equivalente aos termos empregados no francês e no Inglês. Por vezes o termo é substituído por “*lasallianos*” ou “*seglares lasallianos*”, para evitar essa suscetibilidade. “*Partenaire/partner*”, que não têm equivalentes em espanhol), expressam uma relação de igualdade.

“Colaborador/a” têm como significado etimológico “aquele que trabalha ao lado de outro/s numa mesma tarefa”, mas, com frequência, se emprega no sentido de “alguém que ajuda a outro desde um plano secundário”. Os termos diretamente equivalentes em francês (*collaborateur*) e em inglês (*coworker*) estão tendendo a cair em desuso.⁴

3 Um caminho a percorrer

A par destas diferenças e dificuldades lingüísticas, existe a tendência de aceitar a distinção entre esse conjunto e o dos associados, não porque haja uma fronteira entre eles, mas porque os associados são *colaboradores (partenaires/partners) que, percorreram um longo caminho de participação na missão lassalista, e que se sentem chamados a aprofundar e participar no carisma, na espiritualidade e na comunhão lassalista*”(Circular 447, pág. 7), e podem decidir manifestar isto formalmente. Não é, pois, uma fronteira para cruzar, mas um caminho a percorrer.

COMPROMISSO – Engagement (francês) - Commitment (inglês)

1 Um ato concreto ou uma dimensão?

Costumamos empregar o termo “compromisso”, algumas vezes, para nos referirmos a algo muito localizado e limitado no tempo, na quantidade ou no esforço que pressupõe, como um dever, um acordo, uma responsabilidade... Outras vezes o empregamos para expressar uma dimensão que afeta toda a pessoa. Por exemplo, o vínculo matrimonial que uma pessoa estabeleceu com outra. Esta segunda forma é a que está presente quando se diz de uma pessoa que ela está muito “comprometida” com a causa dos pobres, ou com a ciência, ou com a ecologia..., porque isto supõe que seu modo de encarar o mundo, suas preocupações diárias, sua formação pessoal, suas conversações mais freqüentes,... são marcadas por esse compromisso.

Quando falamos de “compromisso” referente à associação lassalista, nos referimos, sobretudo, a esta segunda dimensão, que marca a vida em profundidade.

2 O compromisso da pessoa com a comunidade

O compromisso de associação se refere ao conjunto da pessoa que se associa, sempre a partir da situação concreta e o estado de vida em que a pessoa se encontra, e não por causa dela.

Pode adotar diversas formas, mas todas elas apresentam como denominador comum *a vontade de encarnar o carisma lassalista hoje, na comunhão com outros lassalistas, em benefício da educação cristã da juventude, preferentemente das crianças e dos jovens pobres, e isto, ademais, com uma relativa estabilidade.*

O compromisso de Associação tem que ver com as pessoas (os outros membros comprometidos na missão lassalista) antes de com as obras. Quer dizer, não se refere primariamente ao trabalho/tarefa ou ao desenvolvimento de uma ação particular; não consiste necessariamente em fazer mais coisas ou dedicar mais tempo. Refere-se explicitamente à solidariedade com a comunidade lassalista em seus diversos níveis e corresponde, ao mesmo tempo, a um planejamento

⁴ Estas explicações, para quem não estiver satisfeito, mereceriam algum desenvolvimento. Existe a chamada *polissemia*, multiplicidade de sentidos...: 1. Usos figurados, por metáfora, metonímia, extensão de sentido, analogia... 2. Empréstimos de aceção que os termos têm em outras línguas... - Nos bons dicionários, costuma estar incluído o chamado *Thesaurus*, longas listas de sinônimos próximos, remotos... e antônimos. - Aliás, em português, tanto Colaboradores como Cooperadores, traduzem muito bem o que queremos significar. (*Nota do tradutor*).

vocacional da vida, em resposta ao que se percebe como chamado de Deus. Traduz-se em *relacionamento*, em partilha, em comunhão. E, finalmente, manifesta-se em *pertença*. É um vínculo que torna as pessoas solidárias e, portanto, dependentes umas das outras.

Comprometer-se é assumir como próprios os destinatários e os objetivos da Comunidade lassalista:

- Os destinatários preferenciais: as crianças e os jovens “abandonados”, isto é, os pobres; e entre eles os mais pobres e empobrecidos;
- Os objetivos fundamentais: a educação evangelizadora e integral.

3 A expressão pública (ou formalização) do compromisso de associação

O compromisso de associação pode ser formalizado oficialmente, ou publicamente, através de uma fórmula adequada.

A prática das Províncias enquanto à formalização do compromisso é bastante variada:

- Em algumas Províncias essa formalização se apresenta como imprescindível para que a pessoa interessada possa ser considerada “associada”;
- No extremo oposto, outras Províncias prescindem totalmente dessa formalização e preferem considerar os associados desde um ponto de vista existencial ou prático: são associados aqueles que vivenciam o espírito da associação. Inclusive, algumas Províncias preferem não fazer diferença alguma entre colaboradores e associados.
- Numa maneira de proceder intermediária, algumas Províncias aceitam as duas possibilidades: o sinal formal da associação para aqueles que assim desejarem, e o viver a associação sem formalizá-la, para aqueles que não querem fazer o gesto formal. Uns e outros são convidados a participar nos diversos encontros e atos próprios da associação.

4 A fórmula de compromisso

Não há fórmula oficial única, ainda que cada grupo lassalista tencione a ter uma fórmula comum para aqueles que se associarem através desse grupo; assim, acontece também com a fórmula de associação/consagração dos Irmãos, ou a fórmula usada pela Fraternidade Signum Fidei. Uma ou outra Província optou por uma fórmula comum para todos os associados leigos, na qual cada um pode especificar seu próprio compromisso. Em muitos casos, a pessoa, ou o grupo que se associa compõe sua própria fórmula de associação, em diálogo com os representantes da Província..

O que, sim, é aconselhável é que a fórmula expresse explicitamente os três destinatários da associação lassalista: Deus, os outros associados, os destinatários da missão. Ou, dito em forma negativa: Convém não reduzir a fórmula a uma consagração devocional a Deus, nem a um ato de solidariedade com os outros associados lassalistas, nem a um compromisso de ação social. O ato de associação lassalista reúne e vincula estas três alianças.

CONSAGRAÇÃO

1 Consagração religiosa – Consagração cristã

O termo “consagração”, com frequência tem sido aplicado exclusivamente à *consagração religiosa*, como a do Irmão, ainda que teologicamente esteja ligado ao vínculo que o batismo estabelece entre a pessoa humana e Deus.

À medida que a teologia da vida cristã foi evoluindo e foram resgatados os conceitos que, com o passar do tempo haviam permanecido “em poder exclusivo” da vida religiosa, o termo *consagração* se foi tornando do domínio comum dos cristãos.

2 Consagração - Associação

No contexto da associação lassalista, o termo “consagração” descreve uma dimensão fundamental da associação, pois refere esta explicitamente a Deus, a quem se atribui a iniciativa dessa associação para a educação cristã de pobres (“*obra de Deus*”), põe-se a Ele como testemunha do próprio compromisso, e se reconhece a Ele como garantia da promessa formal e da continuidade da associação.

Na história fundacional lassalista, *consagração* e *associação* são equivalentes: o Irmão se consagra ao associar-se; associa-se ao consagrar-se. Sua consagração religiosa é sua associação. E dizemos consagração “*religiosa*” por causa da disponibilidade radical que traz consigo, isto é, o celibato em comunidade, que exclui outros projetos de vida, como seja o matrimônio. Esta disponibilidade está presente por princípio, mesmo que não se expresse com os votos clássicos dos conselhos evangélicos.

A *consagração* na associação lassalista tem três dimensões: Deus, os outros associados, as crianças e os jovens pobres, que deram motivo à associação. É uma *aliança* que vincula o consagrado, simultaneamente, aos três destinatários.

3 Consagração - compromisso

No contexto da associação lassalista, *consagração* também é equivalente de *compromisso*, tendo sempre em conta os três destinatários da mesma aliança. Os membros de “Signum Fidei” utilizam o termo *consagração* (“*Me consagro...*”) para sua fórmula, enquanto que outros leigos preferem utilizar o termo *compromisso* (“*Me comprometo...*”) por parecer mais próximo do caráter laical. Os dois termos são legítimos, mas, o quê, sim, é importante garantir, é que se explicitem sempre os três destinatários da *consagração* ou *compromisso*, pois esta é uma característica essencial da associação lassalista.

CULTURA LASSALISTA

1 Cultura, carisma, identidade

Cultura é a expressão visível de um carisma através de uma herança histórica. É também a manifestação externa de uma identidade coletiva, o conjunto de expressões, que permitem que aqueles que assumem essa identidade, se reconheçam entre si.

- Existe uma cultura lassalista comum a todos aqueles que participam nessa identidade, que está acima das diferenças devidas à variedade de países, raças, culturas geográficas... em que a identidade lassalista se encarna;
- A cultura lassalista também tem aspectos que são mais próprios de algumas regiões do que de outras, visto que a identidade lassalista se expressa em cada lugar segundo os gostos da cultura regional: gráficos, canções, orações, símbolos ou gestos que são muito adequados para alguns lugares e pouco significativos para outros. Pode dizer-se algo parecido a respeito das idades: há elementos culturais lassalistas que são apropriados para os jovens, mas pouco adequados para outras idades, e reciprocamente.

A identidade não é equivalente às expressões nas quais se manifesta. Inclusive, podem chegar a assumir-se, e não é nada raro, muitas expressões culturais lassalistas, sem participar na identidade lassalista. Mas é certo, sim, que as expressões culturais que refletem nossa identidade, nos permitem reconhecer os lassalistas de todo o mundo, e também que, através dessas expressões, podemos chegar aos sentimentos ou às experiências que as originaram.

2 Manifestações da cultura lassalista

A cultura lassalista, em primeiro lugar, refere-se ao itinerário histórico de La Salle e seu Instituto, a realizações pedagógicas e expressões de fé... Há expressões gráficas, ícones, que refletem experiências de nossa identidade ou de nossa espiritualidade. Há um vocabulário comum que provém do Fundador, ou que surgiu ao longo da história, e com a quais nos identificamos...

Em seguida, vou ressaltar algumas de suas manifestações:

2.1 Os ícones de família

Os ícones de família são símbolos comuns que evocam o mesmo significado, nos membros da família. Nós nos reconhecemos neles; eles refletem nossa história e nossa identidade. A contemplação dos ícones permite que fiquemos atentos, e nos interessemos pelas experiências profundas e os sentimentos que originaram esses ícones. E esta contemplação nos remete a determinadas atitudes que caracterizam os membros da família.

Há ícones específicos do mundo lassalista, a partir, por exemplo, da figura de La Salle (como aquele que representa o fundador acompanhado de um ou de dois meninos, ou de um menino e de uma menina, e com uma das mãos apontando para o alto). Ou também, aqueles que representam momentos-chaves e muito significativos do itinerário de La Salle, como o do Voto Heróico de 1691, ou o voto de 1694...

Há outros ícones que originariamente não são lassalistas, mas chegam a ser assumidos pela cultura lassalista, porque através deles sentimos expressos aspectos importantes da nossa identidade, ou porque representam experiências e ensinamentos que o Fundador nos transmitiu em suas meditações: o Bom Pastor, a escada de Jacó, São Martinho repartindo sua capa com um pobre, o ícone da Trindade de *Rublev*...

2.2 Vocabulário e expressões literárias

Partindo de nossa espiritualidade, de nossa maneira de entender a educação, temos dado origem a muitas expressões que, com frequência, são fórmulas prenes de conteúdo. Bem usada, esta cultura comum em vocabulário e expressões, é muito importante para alimentar o sentimento de pertença à mesma família, e para comunicar através dela os elementos essenciais da nossa identidade lassalista.

- O cristocentrismo que caracteriza nossa espiritualidade está bem expresso em nossa saudação comunitária, uma espécie de senha: *“Viva Jesus em nossos corações. Para sempre!”* E a consciência de estarmos colaborando na Obra de Deus, nessa outra fórmula com a qual iniciamos muitos de nossos atos comunitários: *“Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus! – “Adoremo-lo”*. Nós marcamos a importância do nosso labor educativo mediante o termo *“ministério”*, e nos dizemos *“ministros e representantes de Jesus Cristo”*, com base nas expressões de São Paulo, e atribuídos a seus Irmãos e professores, por La Salle.

- De nossas origens nos vêm expressões que hoje amiúde utilizamos, todas elas com uma forte carga emotiva, porque se referem a aspectos importantes da nossa identidade, como seja, em suas dimensões comunitária, educativa, espiritual...: “*juntos e por associação*” – “*mover os corações dos alunos*”(Toucher leurs coeurs), atuar “*movidos pelo Espírito-Santo*” (par le mouvement de l’Esprit)...
- Mas, a cultura prossegue criando-se, e, de tempo em tempo, vêm aparecendo novas expressões que espelham nossa sensibilidade mais atual, como sejam: “*Itinerário evangélico lassalista*”, ou novas sínteses da identidade lassalista: “*fé, fraternidade, serviço*”, ou também “*Fé, serviço, comunidade*”

ESPÍRITO DE FÉ

1 “Espírito”

O termo “espírito” pode ter significados muito diferentes, mas quando o empregamos na locução “espírito de fé”, nos referimos a um princípio de vida, à força e ao dinamismo que nos propõe em nossa maneira de atuar, à atitude essencial que nos define, à justificativa última daquilo que fazemos.

O espírito que anima a cada cristão, a cada família ou comunidade cristã, é uma manifestação particular do Espírito que animava a Jesus: o Divino Espírito Santo. Assim é também quanto ao espírito que anima os lassalistas: quando La Salle diz que “*o espírito deste Instituto é o espírito de fé*” (Regras Comuns de 1718, 2.2), está falando dessa força produzida pelo Espírito Santo – o *Espírito de Deus*, o “*Espírito de Jesus Cristo*”, como assim o nomeia em diferentes ocasiões, o qual “*nos põe em condições de não mais viver nem agir a não ser por sua moção*”(Med. 43, 1). É uma força que impregna toda a pessoa, e não apenas aspectos parciais: “*Porque este espírito é que deve animar todas as suas obras, e ser o móbil de toda a sua conduta*” (Regras Comuns de 1718, 2.1).

2 Espírito de fé

Desde o início João Batista de La Salle especificou o espírito de fé como o espírito do Instituto fundado por ele, e o definiu por seus efeitos, pois este espírito haveria de mover os Irmãos a “*considerar tudo pelos olhos da fé, fazer tudo em vista de Deus, e atribuir tudo a Deus*”(Regras de 1718, 2.2).

O espírito de fé nos remete ao protagonismo ou à iniciativa de Deus em nossa história. Pode ser definido como a “chave da leitura” que La Salle nos convida a usar para compreender e orientar nossa vida, e essa foi também a chave que ele utilizou para nos dar a conhecer nossa história fundacional. A “Memória dos Começos” se refere a Deus, “*que conduz todas as coisas com sabedoria e suavidade...*” E as Meditações para o Tempo de Retiro abrem com um elóquio contemplando a Deus “*que quer que todos o conheçam e se salvem*”(Med. 193, 1), e, por isso, foi Ele quem estabeleceu as Escolas Cristãs (Med. 194, 1). E, bem no cerne desse relato, o Fundador nos apresenta o Deus “Comunhão”, Pai, Filho e Espírito Santo, associando a nós à sua missão salvadora (Med. 201).

Todavia, não se trata de uma chave de leitura passiva, como de quem observa a ação do lado de fora, porém, nos envolve profundamente na narrativa, e esta é a outra face do espírito de fé: o zelo (Regras Comuns de 1718, 2.9). O zelo é a manifestação da fé e faz parte inseparável do mesmo e único espírito. O espírito de fé nos radica na *Obra de Deus* e faz com que nos sin-

tamos como *instrumentos* de Deus em sua obra. É Ele quem nos envia às crianças e aos jovens. É Ele quem traz as crianças e os jovens ao nosso encontro (*cf. Med. 37*).

O espírito de fé dá aos nossos olhos um olhar, um reflexo “sacramental”, isto é, capaz de ver “através” da aparência imediata de nossos alunos e descobrir a transcendência, essa dimensão que torna todas as pessoas infinitamente valorizadas, porque as refere ao próprio Deus.

O espírito de fé também dá aos nossos olhos a capacidade de olhar, de ver como Deus olha e vê, esse Deus de quem somos instrumentos: contemplamos a realidade dos empobrecidos, das crianças e dos jovens, com o olhar misericordioso de Deus, e com a confiança do próprio Deus nas potencialidades das pessoas, de cada aluno, para crescer e para se renovar.

3 Espírito lassalista

A Comunidade Lassalista, o Instituto em suas origens, e hoje o conjunto dos associados e colaboradores lassalistas, à medida que vai vivenciando e desenvolvendo a missão, vai tomando consciência do espírito que a anima e da necessidade que tem desse espírito para dar uma resposta eficaz à missão, e da importância de a comunidade ser fiel à missão, e de como a comunidade se converte em estrutura inútil quando lhe falta o espírito... O espírito de fé não é um conceito teórico. Quando nos referimos a ele no contexto lassalista, situamo-lo no campo existencial estabelecido pelos dois eixos da nossa identidade: a comunhão e a missão. É então que podemos dizer que o espírito lassalista é o espírito de fé vivenciado na comunhão para a missão, ou, mais corretamente, na associação para a missão educativa de pobres.

Não se pode falar *in abstracto* do “espírito lassalista” à margem da comunidade e da missão, uma vez que ele nasce (é concedido pelo Espírito Santo) em função da missão lassalista e se alimenta e desenvolve no marco da comunidade.

ESPIRITUALIDADE LASSALISTA

1. Espiritualidade:

É a forma de vivenciar e de expressar um determinado “espírito”. Dito de outra forma, é a expressão do sentido profundo daquilo que vivenciamos. Este “sentido profundo” nem sempre se associa com o religioso ou o divino, mas aos valores que cada pessoa considera importantes, e sobre os quais fundamenta seu estilo de vida e suas opções mais decisivas. Por isso, o termo “espiritualidade” pode ter um alcance simplesmente “humanista ou profano”, à margem do religioso.

2 Espiritualidade religiosa:

O termo “espiritualidade” adquire um significado religioso quando esse “sentido profundo” que expressa, está em relação com Deus. Neste caso, podemos acrescentar que “espiritualidade” é também a maneira de nos relacionarmos com Deus, partindo de nossa experiência vital, a experiência de nossa tarefa educativa, nossos relacionamentos humanos, nossa percepção da história e da realidade social...

3 Espiritualidade cristã:

A espiritualidade cristã expressa o sentido profundo da vida e a relação com Deus, a partir da experiência de Jesus, cujo núcleo central está em seu relacionamento filial com o Pai e no Mistério Pascal da morte e da ressurreição. A espiritualidade de cada cristão tenciona reproduzir a experiência de Jesus, guiado pelo Espírito Santo, na situação particular de cada um. A espiri-

tualidade cristã se desenvolve num sistema de relacionamentos que têm sua fonte em Jesus: o relacionamento com o Deus Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo; o relacionamento com o mundo, considerado como Reino de Deus; o relacionamento com os demais seres humanos, vistos como filhos de Deus e irmãos nossos; o relacionamento com a Igreja, enquanto Corpo de Cristo...

4 Espiritualidade lassalista:

É uma forma de vivenciar a espiritualidade cristã com a perspectiva ou a dimensão especial com que o carisma lassalista contribui. Não é um “plus” somado à espiritualidade cristã. É, pois, absurda a pergunta que, por vezes, se faz: “Para um lassalista, o quê é preferencial, a espiritualidade cristã ou a espiritualidade lassalista?” – Essa alternativa parte do pressuposto de que se trata de duas espiritualidades, quando, na realidade, não existe mais que a única espiritualidade cristã, vivenciada com uma determinada perspectiva global. A espiritualidade lassalista, assim como a carmelitana, a franciscana, a salesiana... é uma forma carismática de vivenciar a espiritualidade cristã. Cada um desses carismas é uma forma de vivenciar a comunhão eclesial para a missão, e faz seus próprios sublinhados na espiritualidade cristã, em função da missão a que serve.

A espiritualidade lassalista nos ajuda a perceber e a vivenciar a tarefa educativa como espaço privilegiado de relacionamento do educador com Deus. A espiritualidade lassalista se desdobra como “*uma espiritualidade de mediação*”, pois desvenda a nós próprios como *instrumentos* na Obra de Deus, como *mediadores* de sua obra salvífica com as crianças e os jovens, *ministros e representantes* de Jesus Cristo, *palavra viva* de Deus, para aqueles aos quais somos enviados...

O núcleo central da espiritualidade lassalista é ocupado pelo espírito de fé (ou, caso preferência, pela expressão “*espírito de fé e de zelo*”). Pode-se dizer que, a partir deste núcleo, ou gerado por ele, se vai constituindo a espiritualidade lassalista. Movidos pelo espírito de fé podemos descobrir Deus e ver como Ele se revela a nós no campo da missão de que somos incumbidos. Mercê do espírito de fé, lemos nossa história diária como história de salvação, e encontramos a Deus no sentido último de tudo que fazemos.

A experiência nuclear cristã é a experiência do amor de Deus. Ao vivenciar essa experiência a partir do espírito de fé e de zelo na missão que nos foi confiada, vai-se desenvolvendo a espiritualidade lassaliana, e esta se vai enchendo de nomes, história, vida, lugares e símbolos... E, também, de nos sentirmos mais a gosto em determinadas formas de orar, ou nos vermos melhor espelhados em tais passagens bíblicas.

5 Espiritualidade de São João Batista de La Salle: Espiritualidade Lassaliana ⁵

A espiritualidade que hoje denominamos de “lassalista” não se identifica com a espiritualidade pessoal de São João Batista de La Salle (lassaliana). A experiência do Fundador era marcada por seu próprio temperamento formação e psicologia pessoal, pela cultura que lhe coube vivenciar na França dos séculos XVII e XVIII, pela Escola Sulpiciano de espiritualidade em que foi formado... Todas essas características não são transferíveis a outros tempos, outros lugares,

⁵ Na língua portuguesa empregamos LASSALIANO para as *referências diretas à pessoa* de João Batista de La Salle, sua procedência, origem ou característica pessoal dele: Meditações lassalianas, herança lassaliana, legado lassaliano... – LASSALISTA, para *referências aos seguidores* de La Salle, partidários, prosélitos de sua doutrina, práticas pedagógicas, escolas, teorias, princípios filosóficos, doutrina espiritual... Irmãos Lassalistas, Escolas Lassalistas, Filosofia lassalista, isto é, a filosofia dos discípulos de La Salle, Missão Lassalista da Educação Humana e Cristã, Associados lassalistas... (*Nota do tradutor*).

outras pessoas distintas. Todavia, a espiritualidade lassalista se enraíza na experiência espiritual de São João Batista de La Salle (a lassaliana), e é preciso vinculá-la com esta, querendo participar naquela.

Ao longo de seu itinerário, La Salle foi descobrindo a imagem de um Deus vivo comprometido na história e empenhado em salvar os homens, e, mais concretamente, “*os filhos dos artesãos e dos pobres*”. Com este Deus que “*guiou seus passos sem forçá-lo*”, La Salle manteve um diálogo apaixonado durante toda a sua existência. Neste diálogo, se ressalta uma atitude, a da *entrega e do abandono* nas mãos de Deus, que tem seu reflexo imediato numa segunda atitude: a de sentir-se *instrumento* nas mãos de Deus para realizar sua obra de salvação.

Abandono de confiança em Deus e de entrega à sua obra: essa foi sua experiência mais significativa de fé, sob dois aspectos, que nos transmitiu na conhecida expressão sintética: *espírito de fé e de zelo*.

6 Uma espiritualidade lassalista não-cristã

A recente, mas também crescente participação de educadores não-cristãos na identidade lassalista, e, conseqüentemente, na espiritualidade lassalista, evidentemente suscita uma questão: Podemos falar de uma espiritualidade lassalista que não seja cristã? – Poder-se-ia formular a pergunta de uma forma mais existencial: Pode a espiritualidade lassalista servir a uma pessoa não cristã, para expressar o sentido profundo de sua vida e seu relacionamento com Deus?

Podemos responder a esta pergunta usando duas perspectivas diferentes:

A primeira perspectiva parte da estrutura interna da espiritualidade lassalista que, como dissemos, é uma forma de vivenciar a espiritualidade cristã.

- Existe nela um estrato essencialmente humano ou “humanista”. Refere-se, por exemplo, à valorização absoluta que faz da pessoa do aluno, bem antes que das qualidades ou defeitos que tenha, e cujas necessidades são sentidas como apelos para o educador. A espiritualidade destaca o mistério da pessoa, a qual é capaz de superar sua realidade presente, é dotada de liberdade e pode decidir entre o bem e o mal. A espiritualidade ressalta a relação de solidariedade em que é preciso educar os alunos, e a atenção especial que merece aquele que é mais pobre. A espiritualidade lassalista apresenta o educador como mediador no desenvolvimento integral do aluno, e recorda ao educador que sua contribuição mais importante na educação da criança ou do jovem não consiste nos conhecimentos teóricos, mas numa maneira de viver, que se transmite pelo exemplo mais do que por palavras.
- O segundo estrato da espiritualidade lassalista dá sentido religioso ao anterior, e revela a relação da pessoa do aluno e a pessoa do educador com Deus. Cada lassalista poderá traduzir em suas categorias religiosas a mediação assumida pelo educador, e igualmente o mistério e a interioridade da pessoa, a obra de salvação que Deus realiza através de nós, a preocupação devida ao mais pobre...
- O terceiro estrato recolhe os anteriores e os interpreta a partir da história da salvação que nos apresenta a Bíblia, e à luz do mistério pascal de Cristo. Neste estrato encontram seu pleno sentido os conceitos típicos da espiritualidade lassalista, tais como “*obra de Deus*”, “*ministros e embaixadores de Cristo*”, responsáveis pela salvação de nossos alunos, “*revestir do espírito de Jesus Cristo*...

A segunda perspectiva nos aproxima da raiz da espiritualidade e expõe uma ampliação substancial a tudo quanto dissemos anteriormente da espiritualidade lassalista, ao apresentá-la como uma “espiritualidade cristã”.

- Partimos da constatação da realidade: muitas pessoas procedentes de outras religiões e humanismos quando entram em contato com sistemas de valores ou escolas de espiritualidade de raiz cristã, como é o caso da espiritualidade lassalista, sentem-se à vontade neles, porque encontram refletidos ou realçados neles muitos dos valores e das contribuições de sentido que também estão presentes, explícita ou implicitamente, em sua própria religião. A espiritualidade lassalista, para muitos educadores não-cristãos é um meio de serem melhores crentes em sua própria religião ou humanismo, e é para todos os lassalistas um ponto de encontro e uma frente comum de sentido para a missão que partilhamos.
- A constatação anterior nos leva à reflexão do Concílio Vaticano II, que afirma que as “*sementes do Verbo*” (Ad gentes, 11.2, 15.1) estão nas outras culturas e nas outras religiões. Muitos elementos que nós, cristãos, relacionamos com a mensagem do Verbo Encarnado, Jesus Cristo, já estão como semente em outras culturas e religiões, e podemos reconhecê-las em pessoas não-cristãs.
- Demos um passo mais rumo à raiz: a espiritualidade nos remete ao carisma que lhe dá origem, e, por ele, ao Espírito Santo, que é quem o concede. Esta é a raiz em que encontramos a justificação definitiva do porquê podemos referir-nos à espiritualidade lassalista de outros crentes não-cristãos, ou ao carisma lassalista vivenciado por lassalistas não-cristãos. O Espírito de Deus, que “*sopra onde quer*” (Jo 3,8), concede seus dons, não somente aos cristãos, mas também aos crentes de outras religiões.
- O carisma lassalista nos faz mediadores da salvação de Deus para os jovens, especialmente os pobres, através da educação que busca a plena realização da pessoa e sua integração na relação com Deus. No contexto cristão expressamos o objeto central de nossa missão lassalista nestes termos: “*educação humana e cristã*”; enquanto que nos ambientes pluri-religiosos se costuma dizer: “*educação humana e espiritual*”.
- O carisma “lassalista”, como o adjetivo indica, manifestou-se primeiramente através de La Salle e seus discípulos imediatos, e, logicamente, deu lugar a uma espiritualidade nitidamente cristã, isto é, centralizada em Cristo como Sacramento da salvação universal que Deus oferece a toda a humanidade. Mas, isto não quer dizer que seja a única forma de expressar a espiritualidade que o carisma suscita em quem o recebe. Os crentes de outras religiões encontrarão em suas próprias tradições religiosas (que são caminhos de salvação para seus seguidores) outras maneiras de expressar a vida a que o carisma dá lugar, e certamente também se sentirão identificados com muitas das expressões de espiritualidade nascidas no primeiro contexto lassalista, o contexto cristão.

Vamos deduzir algumas conseqüências para nossa realidade atual. Esta nova situação nos pede, por um lado, a avaliação daquelas expressões da espiritualidade lassalista que podem ser comuns para os lassalistas de diferentes religiões, e que nos permitem referir-nos a esta espiritualidade como ponto de encontro e fonte comum de sentido para a missão que partilhamos. Mas, ao mesmo tempo, os lassalistas cristãos hão de valorizar, sem medo, toda a riqueza cristocêntrica de sua própria espiritualidade, pois é nela onde se nos revela a profundidade da experiência carismática vivenciada por João Batista de La Salle.

FORMAÇÃO PARA A ASSOCIAÇÃO

1 Um processo complexo

A formação para a associação lassalista é um processo complexo, que não pode reduzir-se à aprendizagem, ou ao conhecimento intelectual de uma série de elementos históricos ou dou-

trinários. Seu objetivo é facilitar a interiorização dos elementos constitutivos da identidade lassalista. Implica também o acompanhamento das pessoas em seu processo de descoberta e amadurecimento dessa identidade, e partilhar a vida e a espiritualidade com outros lassalistas.

2 Em três dimensões

A formação se propõe ajudar as pessoas a descobrir as seguintes dimensões, experimentá-las e crescer nelas:

- O próprio itinerário pessoal, humano e espiritual, seu significado à luz do itinerário de João Batista de La Salle, e no interior de um itinerário de comunhão com os demais lassalistas;
- A missão sempre relacionada com o serviço educativo a pobres, à luz do carisma lassalista.
- A comunhão como resposta de vida à missão. Com esta perspectiva se pode entender a associação lassalista, como compromisso que nos une em solidariedade diante de Deus, com outros lassalistas, para servir a pobres através da educação.

3 Com um acompanhamento que passa a conhecer a cada um em seu próprio nível

A formação lassalista se propõe como ideal passar a conhecer cada pessoa no lugar ou no nível em que se encontra, para ajudá-la a avançar na direção que as três dimensões acima citadas indicam, sempre no respeito à identidade de cada um. Por isso, a formação lassalista exige o acompanhamento das pessoas e dos grupos na realidade da vida e, sempre que possível, deve desenvolver-se em diversos níveis, com programas de fundamentação básica e de iniciação, programas mais avançados para pessoas comprometidas, ou que desejarem comprometer-se, e programas desenvolvidos para as pessoas já comprometidas em associação.

FUNDADOR

1 João Batista de La Salle, Fundador

João Batista de La Salle é considerado “Fundador”, não somente pelos Irmãos, mas também por outras pessoas, consagradas e seculares, que se referem a ele como “*nosso Fundador*”. Esse reconhecimento se deve não apenas a uma manifestação de afeto, mas a uma razão objetiva, pois, como diz a Regra: “*O Espírito de Deus deu à Igreja, na pessoa de São João Batista de La Salle, um carisma que, ainda hoje, anima os Irmãos e numerosos educadores*” (R 20). Esse reconhecimento vem unido à aceitação de La Salle como mestre de vida e guia espiritual. Seu itinerário evangélico e seus escritos são ponto obrigatório de encontro.

Considerar La Salle como “Fundador” equivale a afirmar que ele possuía um carisma que lhe permitia *descobrir, discernir e avaliar* aspectos fundamentais da realidade, aspectos esses que agora cabe a nós vivenciar. A partir desse carisma iniciou na Igreja um itinerário em que, hoje, muitas pessoas nos sentimos confiantes, e nele andamos como uma vocação. Este itinerário, até há pouco, se identificava com o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs; hoje, porém, na Igreja-Comunhão, vemos que ele admite diversas estruturas e formas de percorrê-lo.

2 O dinamismo fundacional de João Batista de La Salle

A atual Regra dos Irmãos expressa: “*Impressionado pela situação de abandono dos “filhos dos artesãos e dos pobres”, São João Batista de La Salle descobriu, à luz da fé, a missão de seu Instituto como resposta concreta à sua contemplação do desígnio de salvação de Deus*” (R 11).

A primeira coisa que a Regra nos faz notar é que entre a experiência de fé e o chamado que La Salle experimenta pelo carisma, deve fluir permanentemente. E a segunda, que o centro de gravidade está, não no Instituto, mas *na missão*. Esta é anterior ao Instituto em todo sentido.

O quê significa essa “descoberta da missão”, feita por João Batista de La Salle?

- Ele está atento a uma realidade externa: “*a situação de abandono*”;
- A partir de uma atitude interna: “*sua contemplação do desígnio de salvação de Deus*”.
- Conseqüência: João Batista de La Salle fica “impressionado” por aquela realidade, “*descobre-a*” como chamado de Deus e “responde”... É a ação do Espírito Santo em La Salle, através do carisma que lhe concede.

Esse carisma, o que herdamos dele, lhe permitiu descobrir a educação cristã das crianças, sobretudo das pobres, *como espaço privilegiado de presença e de crescimento do Reino*. Graças também a esse carisma, valorizou a dedicação a esse labor *como um ministério de grande importância na Igreja*.

Finalmente, seu carisma *pessoal* de fundador, levou-o também a buscar uma resposta concreta: dos possíveis *caminhos* para se dedicar a essa missão, La Salle cultiva e incrementa um deles, o dos *Irmãos*, celibatários consagrados em comunidade para a missão; e experimenta um outro, o dos “*mestres rurais*” leigos, que exercerão seu labor quase isolados, mas os quais La Salle procurava reunir de vez em quando para motivá-los no seu ministério.

Como vemos, a consistência desta resposta concreta procede do carisma que se vai desdobrando nos passos descritos anteriormente.

Hoje, as respostas originadas pelo mesmo carisma são mais variadas, por corresponderem a novas situações, inimagináveis em tempos de La Salle: A colaboração entre Irmãos e outros religiosos e religiosas, leigos homens e mulheres, sacerdotes, mas também crentes de outras religiões. Por isso, diz-nos a Regra em seu último artigo: “*Como nos começos, também hoje, ele nos convoca não só como iniciador, mas como um Fundador que continua a inspirar e a sustentar*” (R 149).

3 Fundador dos Irmãos

“*São João Batista de La Salle quis que a primeira forma de associação fosse o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs*” (43º Cap. Geral, Circular 447, pág.6). Legitimamente, os Irmãos se consideram os primeiros herdeiros de São João Batista de La Salle e de seu carisma. O conjunto dos Irmãos, e cada comunidade em particular, continuam representando de maneira especial o projeto lassalista iniciado por seu Fundador, pois eles o encarnam na forma que mais se aproxima daquela que La Salle pôs em marcha.

Esta referência dos Irmãos a João Batista de La Salle, no interior da Família Lassalista, os torna especialmente responsáveis por três funções, sem que estas lhes pertençam de maneira exclusiva:

- Eles devem ser *o coração do carisma na Família Lassalista*, por sua preferência afetiva pelos pobres, por serem mediadores da luz de Deus para os colegas na missão lassalista, ajudando-lhes a descobrir o sentido e o valor de seu labor educativo, por comunicar a experiência da fraternidade e promover a espiritualidade da comunhão em toda a Família Lassalista;

- Devem ser *memória do carisma lassaliano*. Memória litúrgica que atualiza as experiências carismáticas do Fundador e dos primeiros Irmãos, memória viva que estabelece a conexão entre nossas raízes fundacionais e a atualidade da Associação Lassalista na Igreja e no mundo de hoje;
- Devem ser *garantia do carisma no projeto e na Família Lassalista*, ao fazerem da associação o eixo central de sua identidade, e vivenciando-a como consagração.

IRMÃO – Hermano – Frère – Brother – Bruder – Fratello...

1 Irmão (das Escolas Cristãs)

“Irmão”, e seus correspondentes em todas as línguas, é o termo universalmente utilizado para referência a todos e a cada um dos membros do Instituto fundado por São João Batista de La Salle. As Regras Comuns originais, de 1718, capítulo 1º, expressavam isto neste teor: “*Os membros deste Instituto se chamarão mutuamente de Irmãos, e nunca permitirão que sejam chamados de outro modo*”.

A Comunidade Lassalista de 1684 optou por este termo, ainda que, provavelmente, já fosse usado entre os membros da comunidade durante os dois anos anteriores. Corresponde a uma opção positiva: decidiram mudar o nome de “*mestres*”, pelo qual normalmente eram conhecidos até então, pelo de “*Irmãos*”, para expressar de modo direto o tipo de projeto que estavam pondo em prática, um projeto de fraternidade ministerial: queriam ser irmãos entre si, e irmãos para seus alunos.

- Em primeiro lugar, expressa o tipo de relacionamentos que queriam criar entre si; é um projeto de fraternidade, um projeto de comunhão entre iguais, que tem como modelo o quadro que São Lucas nos traça nos Atos dos Apóstolos, sobre a maneira de viver dos primeiros cristãos: “*Tinham todos um só coração e uma só alma...Tinham tudo em comum...*” João Batista de La Salle, com frequência, expressou e propôs este ideal a seus Irmãos (cf. *Explicação do Método de Oração; Meditações 39, 3; 65; 74, 1; 91, 2; 113,2*).
- Ao mesmo tempo indica a forma como queriam ser percebidos e apreciados pelos alunos, o tipo de relacionamento entre professores e alunos. O projeto de fraternidade é inseparável do projeto de uma escola que queira educar segundo o espírito de Jesus Cristo. Na construção de uma escola fraterna, os educadores dão a primeira contribuição com suas pessoas, com seu modo de se chegar às crianças e aos jovens e ficar com eles, com o estilo fraternal de relacionamentos entre si. O Guia das Escolas contém grande número de referências a esse estilo de familiaridade, de estar próximo, afetuoso, fraterno, dos educadores pelos seus alunos.

Por conseguinte, o denominativo “Irmão” de que os membros do Instituto se servem nos seus relacionamentos, primeiramente, não deve ser definido de forma negativa, justificando-o pelo fato de “não serem sacerdotes”. Esta confusão ainda subsiste com frequência, mas é que ignora ou não atina com a importância do verdadeiro motivo e do significado deste denominativo.

2 Irmão, irmã, uma dimensão carismática de todo/a lassalista

O Irmão (das Escolas Cristãs) é um signo, não um monopolizador da fraternidade dentro da Família Lassalista. Pode-se dizer que, por sua consagração ele personaliza aquilo que constitui uma dimensão carismática de todo lassalista, o estilo de fraternidade, tanto no relacionamento com os outros como no relacionamento com os destinatários da missão.

Ser irmão ou irmã é parte do compromisso associativo, essencial para que a nova associação lassalista dê continuidade na Igreja-Comunhão ao projeto original de La Salle, e para que os educadores e educadoras lassalistas prossigam construindo uma escola fraterna que atribua a máxima importância às pessoas das crianças e dos jovens, e de cada um em particular; que promova um estilo comunitário de vida, e utilize como principal meio de acesso à educação o “*mover os corações*” dos alunos (*em francês “toucher les coeurs”* (Cf. Meds. 43, 3; 139, 3).

HISTÓRIA FUNDACIONAL

1 História fundacional

“...Nossa história fundacional, é a história de *como* chegamos a ser e *como* começamos a pôr-nos à prova e perceber-nos como algo original, diferente e próprio” (*Irmão John Johnston, Carta Pastoral de 1º de janeiro de 2000: “O Desafio: Viver Hoje nossa História Fundacional, pág. 18).*

“*História fundacional*” é um conceito ligado à identidade, ao carisma, à razão de ser de um grupo ou povo que, no nosso caso é a Família Lassalista, e dentro dela os Irmãos das Escolas Cristãs. Nossa “história fundacional” é como o ponto fixo e invariável, a bússola, a que temos que referir-nos com frequência para nos orientarmos dentro de um mapa onde os demais pontos parecem mudar.

A história das nossas origens revela nossa identidade, nos descreve, diz quais são nossos valores, por quê e para quê existimos. Não se deve entender como “modelo para copiar, ou para tentar imitar mecanicamente, mas como fonte de inspiração e de discernimento que ilumina nosso presente e nos ajuda a interpretá-lo. “Temos que permitir que o vigor da nossa história fundacional e sua interpretação por La Salle nos forme, desafie e inspire. Uma meditação assim fará com que venham à tona uma visão renovada, comprometimentos e dinamismo. Chegaremos a compreender o significado da fidelidade criativa, e torná-la uma realidade” (*Irmão John Johnston, Carta Pastoral 2000, página 20).*

2 Mito inicial

“Mito inicial” é um conceito permutável com o de “história fundacional”, mas acresce ou ressalta alguns aspectos, assim como acontece na exegese bíblica atual ou na psicologia profunda.

Em primeiro lugar, é preciso separar este conceito daquele significado que, por vezes, se tem dado ao termo “mito” na literatura, como um conto de ficção para entretenimento.

O termo “mito” ressalta a unidade de toda a narrativa da história fundacional, não suscetível de se alterar em anedotas isoladas. Na narrativa mítica, cada parte do relato deve ser lido em conexão com as outras partes, e ser compreendida à luz do conjunto.

O “mito” deixa em separado a segunda nomenclatura, a preocupação pela exatidão histórica de cada acontecimento, ou a relação deste com as personagens históricas a que se refere a narrativa, e passa para o primeiro termo seu significado ou mensagem para nós. Em certo sentido, o mito recupera a história, que como tal, é transposta e se refere a personagens passadas, e a converte em “nossa história”, espelho em que nós podemos contemplar-nos e compreender-nos.

Por isso, a expressão do mito ou relato inicial se faz com diversas acentuações, conforme sejam o momento e as circunstâncias atuais que servem de perspectiva para ler a história.

O “*mito inicial*” de nossa história lassalista é o relato das origens, que transcende o anedótico, porque se refere a experiências de vida relacionadas numa trama em que o Espírito Santo teve um protagonismo direto. Nosso “*mito inicial*” é a narração de *como* entrou na história o carisma lassalista, de *como* surgiu a identidade coletiva “Irmãos das Escolas Cristãs”; e, com a perspectiva atual podemos acrescentar, de *como* surge a identidade coletiva lassalista. Em nosso mito inicial encontramos o sentido de nossa identidade, aquilo que nos permite sentir que formamos parte do mundo e da Igreja, mas com algo especial; algo especial para enriquecer o conjunto.

3 Acontecimento fundante

Dentro da história fundacional ou do mito inicial podemos referir-nos a certos acontecimentos que têm uma importância especial para o conjunto; são como nós ou entrelaçamentos que reforçam a continuidade na sucessão linear do relato, ou focos de luz que iluminam e ajudam a entender todo o conjunto. Neles nossa identidade coletiva se vê especialmente enraizada e fundamentada. São os *acontecimentos fundantes*.

No que se refere à nossa história fundacional lassalista podemos identificar o Voto de Associação de 1691 (21 de novembro, João Batista de La Salle e dois Irmãos), e de 1694 (6 de junho de 1694, João Batista de La Salle e doze Irmãos) como duas cenas do mesmo “*acontecimento fundante*” que veio a ser como o “centro de gravidade” de nosso mito inicial.

O Capítulo Geral de 2000, ao fazer sua leitura de nossa história fundacional chama a atenção de todos os lassalistas sobre a excepcional importância desse acontecimento: “*O acontecimento fundacional que liga o Instituto de hoje às suas origens é o de 6 de junho de 1694, quando São João Batista de La Salle e doze de seus companheiros se associaram para consagrar suas vidas à educação cristã de meninos pobres*” (43º Cap. Geral, Circular 447, pág. 4).

IDENTIDADE LASSALISTA

1 Identidade e carisma

A identidade lassalista é uma forma carismática de vivenciar a comunhão para a missão. Ao dizer “forma carismática” quer-se dizer que esta identidade é vivenciada por vocação, como um dom recebido do Espírito Santo. Trata-se aqui do carisma lassalista, com referência a João Batista de La Salle, a pessoa pela qual esse carisma começou a existir na Igreja.

Guiados ou inspirados pelo carisma lassalista, aqueles que participam nessa identidade desenvolvem a comunhão como uma fraternidade leiga a serviço da missão educativa de pobres.

A identidade lassalista é um fator dinâmico com que a pessoa se vai moldando e adquirindo forma ante si mesma e ante aqueles com quem convive. Cada um assume a identidade à maneira própria, mas sempre com características comuns, pelo que podemos falar de uma “identidade coletiva” que permite que os chamados lassalistas se reconheçam entre si, e sejam reconhecidos de fora pelo seu modo de ser, de viver, de atuar, de educar... e numa série de valores que implicam, ao mesmo tempo, certas prioridades e critérios com que orientam a projeção na missão.

2 Três dimensões essenciais

A identidade lassalista pode ser descrita de diversas formas, segundo as culturas, e a partir de perspectivas diferentes. Mas, há certas dimensões que, de uma forma ou de outra, estão sempre presentes. Dizemos “dimensões” porque estão entrelaçadas entre si, e nelas é possível crescer mais ou menos.

- Vamos Iniciar pela **dimensão missionária**: a identidade lassalista surgiu na Igreja como resposta às necessidades educativas dos pobres e, a partir destes, das crianças e jovens em geral. A identidade lassalista se incrementou na experiência de ser educador, que não se confunde com a de ser professor, nem necessariamente vão juntas. É a experiência de ser mediador no desenvolvimento e crescimento dos destinatários de nossa missão. Os destinatários da missão são reconhecidos seguindo uma direção que busca, entre as crianças e os jovens, aqueles que são mais necessitados, mais empobrecidos.
- A **dimensão comunitária** é provavelmente a característica que mais desperta e atrai a atenção na identidade lassalista, uma vez que assinala o modo carismático de dar respostas à missão educativa. A comunidade em suas variadas formas, é o seio materno da identidade lassalista, pois é nela que o Espírito Santo comunica seu carisma, onde os lassalistas partilham sua fé e sua experiência de Deus, onde juntos lêem os sinais pelos quais Deus lhes fala, onde escutam as vozes que lhes chegam da missão, onde perguntam esperando pela resposta que deverão dar a essas chamadas. A comunidade é também a forma de educar, a maneira de apresentar os centros educacionais e de organizar sua direção e gestão. A comunidade lassalista ressalta os vínculos fraternos, não hierárquicos; enfatiza os relacionamentos íntimos e solidários entre os membros da comunidade e dos destinatários de sua missão.
- A **dimensão religiosa** ou transcendente proporciona às duas anteriores sua motivação mais profunda. Por ela, a pessoa vê a si própria como instrumento a serviço da Obra de Deus, e como mediadora na salvação que Deus leva a bom termo entre as crianças e os jovens. A partir desta perspectiva, a identidade lassalista pode ser definida como uma participação específica ou carismática na comunhão da Trindade, que é uma comunhão missionária. Esta dimensão pode ser vivenciada de uma forma especialmente significativa como consagração religiosa, a qual, por sua vez, tende a tornar mais radicais e significativas as duas dimensões anteriores.

LEIGO – LEIGO CONSAGRADO

1 Etimologia de “leigo”

A etimologia do termo “leigo” já esclarece um aspecto importante do conceito. Procede do grego “*laos*”, que significa “povo”. “*Leigo*”, em seu significado etimológico significa, pois, “aquele que pertence ao povo”.

2 Significado de “laico” - secular

O termo “*laico*” adota um sentido diferente, de acordo com o contexto em que se utiliza.

No contexto social “*laico*”, freqüentemente, tem sido empregado como oposto a “*eclesial*” ou “*religioso*” (neste sentido fala-se de poder laico, contrastando com “poder religioso ou eclesial”). No século XIX e em boa parte do século XX, em todo o ocidente, o conceito de “laico” conotava um forte caráter reivindicatório em face de tudo o que se refere à Igreja e aos signos religiosos. Essa tendência *laical* foi particularmente notória na França, e continua ainda muito presente nas leis e na cultura francesa.

No imo do contexto eclesial, “*laico*” representa a identidade do cristão, sem mais; “*laico*” é aquele que pertence ao povo cristão, e mais especificamente, o cristão que não pertence à hierarquia. Inclui, portanto, as religiosas e os religiosos não sacerdotes (como os Irmãos). Neste caso trata-se de um conceito positivo, não reivindicativo. Frequentemente, sempre dependendo do contexto, o termo é utilizado para designar a todas as pessoas, inclusive as pertencentes a outras religiões e os não-crentes, excetuando sacerdotes e religiosos/as.

“*Secular*” é um conceito que só aparece num contexto eclesial, e só se usa em espanhol, especialmente na Espanha. Na América Latina é pouco empregado. O termo francês equivalente, “*seculier*” caiu em desuso. “*Secular*” tanto em francês como em inglês é sempre traduzido como “*laico*” (*laïc* em francês e “*lay*” em inglês). Quando usado em espanhol, costuma incluir cristãos e não-cristão, mas sempre excetuando religiosos/as e sacerdotes. Seu significado é, pois, mais limitado que o de “*laico*”. Podemos referir-nos, por exemplo, a *religiosos laicos*, mas nunca a *religiosos seculares*, pois estes dois termos se excluem mutuamente.

3 “Leigo (laico) consagrado”

Leigo (laico) consagrado é o leigo que assinala com um sinal especial ou público (“consagração”) sua referência a Deus, mas sem se integrar na hierarquia ou no sacerdócio. É o caso dos Irmãos das Escolas Cristãs, que sempre se tiveram como “*religiosos leigos, ou laicos*”.⁶

LASSALISTA (pessoa) – *Ver Nota de rodapé nº 5*

Num sentido muito amplo, “*lassalista*” é a pessoa que se considera numa relação de pertença a *La Salle* (Família Lassalista, Instituições Lassalistas...). Essa pertença pode ser simplesmente afetiva, ou também simplesmente institucional. Neste sentido, denominamos de “*lassalistas*” a todos os antigos alunos e a todas as pessoas que fazem parte das instituições *La Salle*, independentemente do grau de integração em seu espírito.

No sentido restrito, “*lassalista*” se refere a uma forma de ser educador, cristão, crente...em referência a São João Batista de *La Salle*, e, portanto, designa a pessoa que participa na missão a partir do espírito de *La Salle*. Não se aplica aos destinatários da missão, enquanto eles mesmos não se converterem também em protagonistas da missão, a partir do carisma lassalista.

É freqüente o uso ambivalente deste termo nos dois sentidos indicados. Pode-se dizer que ambos são legítimos, mas convém especificar no contexto, qual dos dois sentidos estamos empregando.

MINISTÉRIO

1 Conceito eclesial de Ministério

“*Ministério*” é a realização de uma missão eclesial de acordo com um carisma reconhecido, aprovado e institucionalizado pela Igreja, em vista da construção do Corpo de Cristo.

⁶ Esta é uma tradução do espanhol. Pode ser que para alguns estes dados não satisfaçam, e não sejam todos empregados da mesma maneira como na língua espanhola. Nós, por exemplo, empregamos mais o termo “*leigo, leigos*, do que *laico, laicos*. – Mas, estamos bem familiarizados com *Laicato* (o conjunto dos cristãos leigos) e *laical*. – Nas traduções para o português, percebe-se nitidamente, que os tradutores preferem usar a locução *dos fieis leigos*, em vez de *laicos*. – Já o laicismo preconiza a exclusão das Igrejas do exercício do poder público e administrativo. – *Secular* é o que não cabe à Igreja, o profano, o temporal, o mundano. – *Secularismo* é a exclusão, a rejeição ou a indiferença à religião e a ponderações teológicas. (*Nota do Tradutor*).

“Os ministérios presentes e operantes na Igreja são todos, embora de diferentes modalidades, uma participação no mesmo ministério de Jesus Cristo, o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas (cf. Jo 10, 11), o servo humilde e totalmente sacrificado para a salvação de todos” (cf. Mc 10, 45).

Durante séculos, até o Concílio Vaticano II, foi um termo usado na Igreja, quase exclusivamente como equivalente de “*ministério sacerdotal*”. A partir do Concílio começaram a ser recuperados outros ministérios, concretamente, os “*ministérios dos fiéis leigos*”.

O ministério sacerdotal se deriva do Sacramento da Ordem (*ChL 22.1*). Os ministérios dos fiéis leigos têm seu fundamento sacramental no Batismo e na Confirmação (*ChL 23.2*).

2 Ministério e Missão

“Ministério” e “*missão*” são termos amiúde usados um pelo outro, de forma confusa e indistinta. Na realidade existe uma nítida distinção, ainda que intimamente sejam relacionados: *ministério* é o modo de realizar a *missão*, a partir de um determinado *carisma* e de um reconhecimento por parte da autoridade eclesial; portanto, pode-se participar de uma mesma *missão* desde *ministérios* diferentes. Por exemplo, podemos falar da missão educativa e de ministérios que realizam ou servem a essa missão, partindo de carismas diversos.

O *ministério* se concretiza ou realiza através de *tarefas*, mas sem identificar-se com elas. Por exemplo, o fato de distribuir a comunhão ou de comentar o Evangelho na missa, não implica necessariamente realizar o ministério sacerdotal ou diaconal, ainda que estas tarefas se associem normalmente a estes ministérios. Da mesma forma, dar aulas ou animar um grupo de catequistas não equivale, por si só, a realizar o ministério lassalista.

3 Ministro e Identidade ministerial

O *ministério* dá lugar a uma *identidade*: *ser ministro* traz consigo um modo de vida, uma espiritualidade, um tipo de relação social...

O “ministro”, quer seja uma pessoa ou um grupo ministerial, se torna signo da missão, para os outros e para si mesmo. Exerce para a comunidade uma função ministerial e vive identificado com o ministério, que se converte para ele numa *experiência* que configura sua vida, pois tende a influir em cada aspecto importante de sua vida.

Portanto, o ministério, seja qual for na Igreja, tem dois aspectos peculiares inseparáveis:

- o que se refere à realização de uma parcela da missão eclesial, que se concretiza em suas tarefas específicas, e
- O que se refere à pessoa do ministro; a pessoa tende a configurar-se desde e para essa missão eclesial.

Por isso, dizemos que o ministério dá origem a uma *identidade ministerial*, e nunca é equivalente a um conjunto de tarefas.

5 Ministério lassalista

É uma forma particular de vivenciar e realizar a missão educativa, inspirada pelo carisma lassalista. O centro desta missão está claramente definido como a *evangelização e o serviço educativo de pobres*. Partindo deste centro, a missão vai-se ampliando em círculos concêntricos, para alcançar primeiramente a todas as crianças e jovens. Não se deve esquecer que a missão a que se refere o ministério lassalista é, na realidade, uma parcela da missão total da Igreja, e entre essa parcela e a missão total não existem fronteiras nem limites definidos.

A fundamentação teológica do ministério lassalista foi adequadamente exposta por São João Batista de La Salle em suas *Meditações para o Tempo de Retiro*.

6 O ministério lassalista do Irmão

Dentro do conjunto do ministério lassalista podemos referir-nos ao ministério específico do Irmão, ou, mais exatamente, “dos Irmãos”, pois trata-se de um ministério que exercem “*juntos e por associação*”, e não individualmente.

O Decreto de Aprovação da Regra de 1987 assinala brevemente, e distingue ao mesmo tempo, a missão para a qual os Irmãos são chamados, a mesma missão em que toda a Família Lassalista está comprometida, *proporcionar uma educação humana e cristã aos jovens, especialmente aos pobres*; esta missão, os Irmãos a realizam “*segundo o ministério que a Igreja lhes confia*”, isto é, *consagrados a Deus como religiosos leigos*, e vivenciando o carisma que o Decreto sintetiza, continuando, em três sentenças, mas que a Regra se encarregará depois por descrever: “*Procuram considerar tudo com os olhos da fé, partilham em comunidade a experiência de Deus, e cumprem “juntos e por associação” seu serviço de evangelização, principalmente nas escolas*”.

Por este ministério específico, os Irmãos são signo para toda a Família Lassalista da missão e do carisma de que foram incumbidos.

7 Comunidade ministerial, Fraternidade ministerial

Toda comunidade cristã tem sua razão de ser na missão evangelizadora, da mesma maneira como a Igreja em seu conjunto (*cf. Evangelii nuntiandi, 14*). Ademais, algumas comunidades cristãs são fortemente caracterizadas e vivificadas por um carisma especial. Em virtude desse carisma, a Igreja lhes confia um ministério. – É o caso da comunidade dos Irmãos, e, a partir deles, da *comunidade lassalista*.

A comunidade lassalista é uma comunidade ministerial, dedicada ao serviço educativo de pobres, a partir do carisma lassalista. O ministério dá a essa comunidade sua identidade peculiar na Igreja, e a configura tanto interna como externamente.

O conceito de “fraternidade ministerial” é equivalente ao de “comunidade ministerial”, mas põe um acento na relação fraterna entre os membros da comunidade, que é um aspecto profético do carisma lassalista. Pode referir-se tanto à comunidade local como ao conjunto de comunidades unidas no mesmo carisma.

Os membros de uma comunidade ministerial podem exercer funções muito diversas; inclusive, alguns membros podem estar impossibilitados para qualquer tarefa externa, devido a enfermidades ou idade. O ministério não está vinculado a uma função concreta. É o conjunto da comunidade/fraternidade que realiza o ministério, e para isto contribuem as diversas funções de seus membros, inclusive a oração, o sofrimento dos enfermos, a atitude solidária de uns pelos outros...

7 Outros usos particulares do termo “ministério”

O conceito fundamental, em clave teológica e eclesiológica do termo “ministério” e seu correlativo “ministro”, segundo o apresentamos aqui, pode ser considerado semelhante nas esferas culturais do francês, espanhol e inglês. Todavia, é preciso ter em conta certos usos particulares do termo, que podem induzir a confusões, quando traduzidos mecanicamente de uma língua para outra.

Nas áreas francófonas e hispanófonas, o uso deste vocábulo, no contexto lassalista é bastante restringido, e costuma ser reservado para designar globalmente o desenvolvimento e a vivência da missão lassalista, assim como foi descrito nos parágrafos precedentes. Não acontece o mesmo na área anglófona, onde também costuma ser usado com outros significados: para designar *funções* particulares, tais como a animação da pastoral vocacional, a animação religiosa de uma obra educativa ou a liderança de uma comunidade, mas também, para referências às *obras ou centros educacionais*, onde a missão lassalista está sendo desenvolvida.

OS POBRES (O SERVIÇO EDUCATIVO DE)

1 Os pobres, nossos principais destinatários

“Desde as origens, o Instituto se tem definido como suscitado por Deus para a evangelização e o serviço educativo a pobres” (Circular 447, pág. 26). É assim que abre o capítulo que versa “A Missão Hoje: Urgências e Esperanças”, nas Atas do 43º Capítulo Geral, deixando claro, desde o início, quem são os principais destinatários da missão do Instituto.

Não é suficiente, e historicamente não é correto, dizer que o que nos prova judicialmente é a educação das crianças e dos jovens. A justificativa primeira e fundamental do nosso projeto educativo lassalista está nos pobres. Nascemos para educar os pobres, e a partir destes, a todas as crianças e jovens. Esta é a opção que tem seu fundamento em nossas raízes.

As Regras originais do Instituto tampouco deixavam dúvida alguma sobre quem eram os destinatários preferenciais deste Instituto, nem sobre os motivos pelos quais fora estabelecido, nem tampouco, sobre a importância deste ministério (*Regras Comuns de 1718, I, 4-5*):

“Este Instituto é de grandíssima necessidade, porque estando os artesãos e os pobres, ordinariamente, pouco instruídos, e ocupados todo o dia com ganhar seu próprio sustento e o de seus filhos, não podem dar-lhes por si mesmos as instruções de que necessitam, e uma educação honrada e cristã. - Proporcionar esta vantagem aos filhos dos artesãos e dos pobres, este tem sido o motivo pelo qual foram instituídas as Escolas Cristãs”.

O termo “pobre” não é um conceito absoluto. Ele adquire o sentido real somente ao situá-lo no contexto social; portanto, não tem a mesma equivalência quando é usado num contexto de Terceiro Mundo (países em vias de desenvolvimento) ou de Quarto Mundo (núcleos sociais de pobreza que coexistem nos países desenvolvidos), ou referido a um contexto moral ou afetivo... Todavia, de maneira geral, pode-se dizer que “pobre” é a pessoa afetada por alguma “situação de pobreza”, e, com isto, entende-se não simplesmente uma carência ou necessidade, mas uma limitação humana que dificulta, de maneira relativamente grave, a realização ou o amadurecimento da pessoa, ou que a marginalizam do conjunto social: pobreza econômica, intelectual, afetiva, física, psíquica...

A “Declaração “O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje”, surgida no 39º Capítulo Geral, reconhece a diversidade de pobreza, mas, ao mesmo tempo indigita a pobreza material como aquela que exige nossa atenção especial, sem exclusividade. E o justifica neste teor: *“Não resta dúvida que a pobreza de inteligência, de afeição, de fé, desperta nossa atenção e nosso serviço educativo. Mas, não é menos verdade, que a pobreza material, muitas vezes, é a causa de outras formas de pobreza, e que há pessoas mais pobres: os que não têm família, os que não gozam de boa saúde, ou não conseguem adaptar-se socialmente”* (Declaração 29, 3).

2 A opção pelos pobres

A assinalação dos pobres como principais destinatários da nossa missão não equivale simplesmente a uma dedicação especial de tempo e de energias, mas em fazer deles nossa opção prioritária, seja qual for o contexto social em que nos encontremos (*R 40*), o que podemos traduzir desta forma: a opção pelos pobres incorpora nosso olhar numa direção e numa perspectiva:

- *Uma fixação do olhar:* Ao encontrar-se com o grupo de pessoas às quais é enviado, o grupo de alunos, por exemplo, seja qual for a classe a que estes pertençam, o olhar do educador traz em si um dinamismo que o induz a perceber dentro do grupo aqueles que estejam mais afetados por limitações ou pobreza de diversos tipos: econômicas, afetivas, psicológicas, intelectuais, morais... E, a partir desta percepção, estabelece suas prioridades, a dedicação de seu tempo e de suas energias...
- *Uma perspectiva, ou um alvo de mira* para analisar e avaliar a realidade. O educador mostra a seus alunos uma realidade social, histórica...mas, a partir de qual perspectiva? – Ensinar partindo da opção pelos pobres marca uma maneira de contemplar a realidade, sejam quem forem os destinatários imediatos de nosso ensino, e assume a intenção de suscitar neles a solidariedade com os menos afortunados.

3 Uma característica essencial ao carisma lassalista

A opção preferencial pelos pobres não é apenas numa característica a que o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs deve visar, mas é um distintivo fundamental, próprio e essencial ao carisma lassalista, de modo que nenhuma instituição ou grupo que se reconheça como “lassalista” pode escusar-se dela.

Cada educador lassalista, em nível pessoal, deve incorporar essa *fixação do olhar* a que aludimos acima, mas igualmente cada comunidade, Província, a instituição toda, todos eles no campo que corresponda a cada uma. Essa fixação do olhar determinará onde se concentram e a quem se dedicam nossas análises mais apuradas, os melhores esforços, as pessoas mais capacitadas, a renovação das obras...

Igualmente, a perspectiva a partir da qual educamos, deve sensibilizar a cada educador lassalista em particular, e, na medida do possível ser comunicada a todos aqueles que partilham a missão educativa; mas, deve também ser uma característica definitiva de todos e de cada um dos nossos projetos educativos, de todos os programas acadêmicos. E deve converter-se num critério essencial na hora da avaliação de nossas obras educativas. O 43º Capítulo Geral propôs as seguintes três características que permitem identificar um centro educacional como lassalista, no referente ao serviço educativo a pobres:

- Ter um plano de educação na justiça e na solidariedade que oriente as atividades que se realizam, as experiências de propostas aos jovens e o estilo de relacionamentos que se constroem;
- Prover os recursos materiais e pedagógicos necessários para tornar esses centros eficientes e acessíveis aos jovens com dificuldades;
- Atuar de maneira tal que os jovens pobres e suas famílias se sintam aceitos e à vontade nesses centros. (*Circular 447, página 28*).

REFUNDAÇÃO

Hoje, a conceituação deste termo é empregada em nível geral, no contexto das Congregações Religiosas,⁷ e normalmente entende-se por ele o processo de recuperação das raízes carismáticas (o carisma fundacional) para desenvolvê-las para um estágio mais avançado no novo “ecossistema” sócio/eclesial.

Ele transcende a simples “renovação” de que tanto se falou nos anos seqüentes ao Concílio Vaticano II. Relaciona-se com a convicção de que estamos numa mudança de ciclo histórico. Mudaram os pontos eclesiais de referência, a interrelação das identidades eclesiais, e o posto que a vida religiosa ocupa neste novo contexto.

Ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, a “refundação” se apresenta como um desafio de encontrar seu posto junto dos demais grupos e instituições de associados no marco da Família Lassalista, no contexto da Igreja/Comunhão. Não se trata, como alguns erroneamente interpretam, de inventar outro Instituto diferente daquele que foi fundado por São João Batista de La Salle, mas de assumir o dinamismo criativo do carisma, seguindo a inspiração e o exemplo do Fundador, como diz a Regra em seu último artigo: *“A vida de um Instituto é uma criação incessante na fidelidade, que exige, por vezes, assumir compromissos difíceis, como exigiu para La Salle em certos momentos de sua vida. Como nos começos, também hoje ele nos convoca não só como um iniciador, mas como um Fundador que continua a inspirar e sustentar”* (R 149).

O Instituto desempenha hoje sua missão ao lado de muitas outras pessoas e grupos que também encarnam, de diferentes formas, o carisma lassalista. Por isso, deve perguntar-se quais têm que ser as novas modalidades, e as tradicionais, da presença e da ação dos Irmãos no mundo educativo, com o objetivo de dar respostas eficazes, mas também, e sobretudo significativas, às urgências atuais.

UNIVERSALIDADE

Universalidade, ou “abertura universal” é uma característica lassalista que no 43º Capítulo Geral incluiu entre as cinco que servem de referência para reconhecer a quem deseja associar-se: *“Uma abertura universal capaz de abrir a dimensões que superam o pessoal e a realidade local imediata”* (Circular 447, página 7).

A universalidade atua sobre os dois eixos em que se constrói a associação lassalista, *a missão e a comunhão*, da seguinte forma:

- **A respeito da missão**, a universalidade nos leva a ultrapassar a ação imediata e as estruturas concretas em que se realiza, a não nos deixarmos dominar pelas circunstâncias concretas que andam em volta de um projeto, a negar-nos a depender de um presumido êxito ou fracasso do projeto, assim como limitar nosso entusiasmo e a entrega aos destinatários concretos desse projeto. E tudo isto porque, iluminados pela fé, transcendemos a situação particular e nos sentimos partícipes do Plano de Deus, da Obra de Deus. Descobrimo-nos como instrumentos a serviço desta Obra e, com esta perspectiva universal, re-

⁷ A União dos Superiores Gerais, dedicou sua 54ª Assembléia (novembro de 1998), para refletir sobre o tema da refundação, e o definiu como um desafio que a Vida Religiosa deverá arrostar. O título pelo qual a Assembléia optou já por si é significativo: *“Para uma fidelidade criativa: REFUNDAR”*. (Ver Atas da Assembléia no livro com o mesmo título, edições Il Calamao, Roma, 1998).

tomamos o projeto particular, porque com ele estamos cumprindo, aqui e agora, a missão recebida de Deus.

- **A respeito da comunhão**, a universalidade nos leva a ultrapassar os vínculos próprios da comunidade imediata, tais como as simpatias pessoais, as habilidades e os interesses das pessoas concretas, os planos internos,... não para renunciar a eles, mas para relativizá-los em função de um horizonte mais universal, o *da comunhão para a missão lassalista*; nesta comunhão entram outras pessoas a quem não escolhemos, mas com as que sentimos convocadas para a missão lassalista. O compromisso de associação ressalta o autêntico fundamento e motivação da comunidade, que é a missão. Mercê desse compromisso esta comunidade se faz *ministerial*: a responsabilidade que se assume comunitariamente diante de Deus e diante da Igreja quanto à missão (e dos projetos em que se concretiza a missão) adquire prioridade sobre as apetências ou interesses pessoais.

VOLUNTÁRIOS

O termo “voluntário”, dentro do mundo lassalista, é usado com diferentes alcances, mas sempre com o seguinte elemento comum: designa as pessoas que servem à missão lassalista partindo de uma atitude de gratuidade, sem receber remuneração alguma por seu trabalho.

Em algumas Províncias são conhecidas como “Voluntários Lassalistas” aquelas pessoas que dedicam gratuitamente uma parte do seu tempo de forma mais ou menos periódica e sistemática (por exemplo, algumas horas semanais) para servir à missão lassalista, especialmente em projetos destinados a pobres. A idade e a profissão desses “voluntários lassalistas” costumam ser muito diferentes, desde jovens estudantes até pessoas adultas e pessoas que têm sua profissão ou ocupação familiar muito à margem das obras escolares. Costumam ser agrupados na organização provincial que lhes proporciona encontros e formação, não só com relação às tarefas que desempenham, mas ao carisma e à espiritualidade lassalistas.

Em outras Províncias, o termo “voluntário lassalista” é reservado à pessoas (normalmente jovens que recém-concluíram seus estudos universitários) que desenvolvem uma experiência de associação temporal na missão lassalista, em gratuidade, recebendo somente o necessário para seu sustento pessoal diário durante o tempo de duração da experiência, que costuma ser, pelo menos, um ano, ou um curso escolar, renovável uma ou mais vezes. A experiência é vivenciada e acompanhada em comunidade e iluminada pela espiritualidade lassalista. Por suas características, se pode afirmar que este tipo de experiência favorece especialmente a compreensão do que é a associação lassalista, e a possível integração de maneira mais permanente.

Este termo, com frequência é também empregado para designar aqueles que participam em experiências de missão mais limitadas no tempo, em torno de um mês. Nestes casos, os objetivos se concentram preferentemente em proporcionar aos participantes um crescimento da missão e seus destinatários, mais que na experiência da “associação para a missão”.

VOTO DE ASSOCIAÇÃO

1 Significado do voto de associação na etapa fundacional

A importância do Voto de Associação no conjunto do itinerário lassalista e como ponto central de referência na história lassalista foi realçado pelo 43º Capítulo Geral (ano 2000) ao asseverar:

“*O voto das origens, que, em 1694, associou o Fundador com doze Irmãos, para o serviço educativo aos meninos pobres, é a fonte das associações lassalistas entre leigos e religiosos que querem juntar-se para trabalhar na missão lassalista. Esta é a origem das novas respostas associativas para a missão*” (Circular 447, página 6).

Normalmente, quando nos referimos ao voto das origens, não se trata apenas de um dos três votos expressos na fórmula de 1694, mas ao conjunto dos três, pois na realidade, cada um desses três votos é a explicitação de um aspecto do voto global de associação que se expressa na segunda parte da fórmula: “...*prometo e faço voto de unir-me e permanecer em sociedade...*”

O Voto de Associação expressa e ratifica o projeto de fraternidade que João Batista de La Salle e os Irmãos tinham iniciado a construir nos doze anos anteriores a 1694. Exteriormente não acrescenta nada, nem à missão, nem à comunidade. Mas internamente *as põe em referência explícita ao próprio Deus*. Por este motivo, seus protagonistas encontrarão uma força maior para levar adiante o projeto.

O compromisso de cada pessoa não se estabelece com a obra das escolas, mas com a *Sociedade*, isto é, com a “comunidade para as Escolas gratuitas”. Esta característica define essencialmente o projeto lassalista: a comunhão é a mediação escolhida para atingir a finalidade; por isso, a ênfase é colocada no relacionamento fraterno entre os que compõem a Sociedade, antes que na projeção apostólica propriamente dita, ainda que esta seja a finalidade daquela.

Em síntese, aquilo que nossa primeira comunidade lassalista, com seu Fundador à frente, intuiu que constituiria o núcleo central de sua vida consagrada *era a comunhão para a missão*. Ou, de maneira mais precisa: *a fraternidade ministerial para a educação dos pobres*. Tinham a convicção de que contribuían em procurar a glória de Deus na medida em que se dedicavam em construir este tipo de fraternidade, ao qual não tinham reparo em identificar como a obra de Deus. Esta fraternidade ministerial é o que, em termos lassalistas se conhece como *Associação*. Este era o *signo existencial* que estavam vivenciando com intensidade, e isto mesmo é o que converteram em *signo oficial* em sua fórmula de consagração.

Significado do Voto de associação na atualidade

A partir de 1986, especialmente, no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, tem-se produzido a progressiva recuperação do Voto de Associação, primeiramente com sua explicitação na fórmula de votos, com este enunciado: “*Associação para o serviço educativo de pobres*”. O voto explícito havia desaparecido da fórmula dos votos em 1726, depois da Bula de Aprovação, se bem que havia estado implícito na parte central da fórmula.

Nestes últimos anos está acontecendo um processo de reflexão no Instituto para restituir ao Voto de Associação o lugar central na consagração e na identidade do Irmão. Este processo se efetua com a ajuda, por uma parte, da reflexão atual da Igreja sobre sua própria identidade, redescoberta como “comunhão para a missão”; e por outra parte, do crescente conhecimento do itinerário de João Batista de La Salle, seus escritos e seu pensamento.

Neste processo de recuperação, o Voto de Associação para o serviço educativo a pobres representa a unidade da vida consagrada dos Irmãos: uma aliança com Deus, com seus Irmãos e com seus alunos. Três vínculos, onde cada um deles remete aos dois outros.

O Voto expressa a intenção de construir uma fraternidade que tem como finalidade o serviço educativo a pobres. É a maneira carismática lassalista de vivenciar a vocação eclesial: uma comunhão para a missão. Esta fraternidade se desenvolve em círculos concêntricos a partir do interior da comunidade dos Irmãos, e associa estes com todos os que se comprometem no serviço educativo a pobres, a partir do carisma lassalista.

O Voto de Associação expressa a missão que motiva a consagração do Irmão. O serviço educativo a pobres não é uma simples “atividade apostólica”, mas a finalidade, o motivo essencial pelo qual o Irmão se consagra, para dar resposta às necessidades da juventude pobre e afastada da salvação. Igualmente, o Voto recorda que a comunidade não existe para si própria, mas está estabelecida em função da missão.

O Voto de Associação expressa a disposição do Irmão para vivenciar a missão desde a co-responsabilidade, e a estar disponível, com todas as suas possibilidades, ao serviço da missão.

O Voto de Associação é expressão do ministério do Irmão, o qual não se identifica com a função ou tarefa que a pessoa realiza durante uma parte de sua vida, mas que equivale a toda a sua identidade de Irmão como serviço à Igreja, e é um ministério comunitário.

III ESTRUTURAS DE COMUNHÃO E DE ANIMAÇÃO

ANIMAÇÃO, ACOMPANHAMENTO

1. Liderança e animação

Na Associação Lassalista pode aplicar-se a estes dois termos o significado que a Regra atribui à função da autoridade no Instituto: *“À imitação de Cristo, servidor de seus Irmãos, e iluminados pelo exemplo do Fundador, os Irmãos consideram como serviço comunitário o exercício da autoridade. Esta deve fomentar a comunhão entre todos, a vitalidade do Instituto, a eficácia de sua missão e a interdependência das partes que o constituem. A autoridade é exercida na compreensão das pessoas e no respeito à subsidiaridade”* (R 102).

As funções de liderança e de animação das diversas instituições lassalistas são gerenciadas no interior de cada estabelecimento. Não existe uma autoridade jurídica superior no conjunto da Família Lassalista. Como, então garantir algo tão necessário como é a manutenção do dinamismo original do carisma fundacional, e que este seja comum a todas as instituições lassalistas? – E também, como garantir o melhor serviço coordenado para as necessidades que a missão educativa lassalista expõe? - Somente pela *comunhão* entre as ditas instituições.

Para concretizar e aprofundar essa comunhão é preciso criar as estruturas necessárias, no duplo nível: o da Associação universal, que corresponde aos mais altos responsáveis pelas instituições, e o das comunidades locais, que podem agrupar-se numa comunhão de comunidades lassalistas, cujo marco referencial mais apropriado, mais hoje mais amanhã, parece ser a Província. Também parece razoável que os representantes do Instituto dos Irmãos se constituam em primeiros promotores e garantias dessa comunhão: O Irmão Superior Geral no âmbito universal, e o Irmão Provincial no da Província.

Na nova Província que se vai formando com diversos tipos de associados lassalistas, o Provincial conserva sua função de autoridade religiosa (“Superior Maior”, na linguagem canônica) a respeito dos Irmãos, e continua sendo para eles a referência imediata da missão (dele recebem o “envio”, tanto para desempenhar uma função concreta como para se integrar numa comunidade); outrossim, ele continua sendo a “*garantia da unidade*” (R 132) entre os Irmãos. Estas funções do Provincial não são aplicáveis de maneira igual a respeito do restante dos associados que compõem a nova Província lassalista. Com certeza, cabe-lhe a função de animador para o conjunto da Província, mas ela deve ser partilhada, dependendo dos casos, com os líderes e animadores dos demais grupos lassalistas que fazem parte da Província.

2 Acompanhamento

É a ajuda sistemática proporcionada a uma pessoa ou grupo, tendo em vista facilitar seu processo de amadurecimento na identidade lassalista.

Proporcionar acompanhamento, na medida de suas possibilidades, às pessoas e grupos que desejam iniciar-se na identidade lassalista, é um dever que cabe às comunidade lassalistas maduras, bem formadas e desenvolvidas.

Acompanhante é a pessoa especializada no carisma lassalista, na missão e na espiritualidade, que segue de perto e permanentemente o processo da pessoa ou do grupo; pode ser da mesma identidade, ou de uma diferente (Irmão, Irmã, Leigo, homem ou mulher, sacerdote...) que o/os acompanhado/s).

ASSEMBLÉIAS E CONSELHOS

1 Capítulo Geral e Capítulo Provincial

- **O Capítulo Geral:** “Constituído à imagem de todo o Instituto, o Capítulo Geral é, desde o tempo do Fundador, a mais alta expressão da comunhão entre os Irmãos. Perpetua entre eles a fidelidade viva ao carisma próprio do Instituto.

Responsável pelo Corpo inteiro, ele está qualificado para proceder, em nome deste, à avaliação periódica da vida do Instituto, à sua adaptação e renovação permanente, ao estabelecimento de suas linhas-mestras de ação para o futuro, bem como à eleição do Irmão Superior e dos Irmãos Conselheiros. Pode tomar qualquer outra medida legislativa ou administrativa referente às suas instituições e aos membros do seu Instituto” (R 103).

- **O Capítulo Provincial:** “É uma assembléia de caráter pastoral e administrativo, que manifesta a unidade profunda existente entre os Irmãos e lhes possibilita participar de forma ativa, direta ou delegada, nas instâncias de reflexão e decisão da Província... Avalia todos os aspectos da vida da Província. Toma em conta a situação local e programa projetos claros de renovação, adaptação ou desenvolvimento a serem realizados em futuro próximo” (R 128).

*** Os Capítulos Geral e Provincial são estruturas características de uma instituição religiosa. Na época de transição que estamos vivendo e, desde há alguns anos, tem sido permitida a participação de outros lassalistas, diferentes dos Irmãos, sempre na qualidade de convidados. Contu-

do, para que os novos associados lassalistas possam sentir-se plenamente responsáveis pelo carisma e a missão, são necessárias novas estruturas de comunhão e de animação da associação, tais como Assembléias de Associados para a MEL, onde todos possam participar em igualdade de direitos.

2 Assembléia de Associados para a Missão Educativa Lassalista

O 43º Capítulo Geral propôs esta Assembléia em nível internacional como um espaço de encontro entre Irmãos e outros associados lassalistas, para desenvolver os objetivos exarados nas Proposições 3 e 8 do Capítulo:

- Partilhar as experiências de Associação, analisar e avaliar o andamento de processos de associação e apresentar pistas de ação ao próximo Capítulo Geral para o incremento da associação;
- Determinar os critérios de participação, buscar e propor respostas às novas necessidades da missão no serviço educativo a pobres.

As Assembléias também se foram estabelecendo em nível regional e inclusive provincial. Os participantes assistem a elas com os mesmos direitos a voz e voto.

A Assembléia (em nível mundial, regional ou provincial) representa uma família carismática, e não uma instituição jurídica (diferentemente do Capítulo Geral ou do Provincial, a respeito do Instituto); portanto, sua autoridade, em nenhum caso, pode ser jurídica ou decisória. Sua autoridade lhe advém da capacidade de iluminar e orientar os caminhos que devem ser seguidos pela Família Lassalista nos respectivos níveis. O discernimento que proporcionarem devem ser depois levados à prática nos órgãos decisórios que representam os diversos grupos e instituições.

Esta característica da Assembléia como espaço de encontro, comunhão e discernimento, não de governo, deve ser tomada em consideração ao organizá-la, para não a submeter a esquemas de funcionamento que têm caracterizado os Capítulos próprios dos Institutos Religiosos.

3 Os Conselhos Provinciais

- **O Conselho Provincial dos Irmãos:** “A missão do Conselho Provincial é promover a unidade e assistir o Irmão Provincial no exercício do seu cargo. Juntos, elaboram os projetos referentes à caminhada da Província e estudam a forma de resolver os problemas que surgem” (*R 136*).

À medida em que se forem pondo em marcha as novas estruturas da Associação Lassalista, o Conselho Provincial dos Irmãos, como entidade canônica que assessora o Superior Maior, terá que distinguir ou partilhar suas atribuições, para se reservar apenas aquelas que correspondem à sua representação dos Irmãos, e para atuar de forma complementar com as outras estruturas de animação provincial.

- **O Conselho Provincial da Missão:** O 43º Capítulo Geral propôs às Províncias (*Proposições 5 e 6*) uma estrutura encarregada da Missão Educativa Lassalista no âmbito provincial, formada por Irmãos e Associados, na qual todos participam com voz e voto. O nome mais comum pelo qual se conhece essa estrutura é “Conselho para a Missão”

O Conselho Provincial da Missão, onde estão representados os diversos grupos de Associados e de Colaboradores que compõem a Província, pode assumir funções de discernimento

que anteriormente eram atribuídos ao Conselho Provincial dos Irmãos, naquilo que se refere à missão educativa.

COMUNIDADE

1 Ambigüidade do termo

“Comunidade” é um termo muito ambíguo, utilizado em contextos muito variados: político, geográfico, religioso, empresarial,, para expressar realidades muito diferentes, mas com um denominador comum: o agrupamento de pessoas.

Referimo-nos aqui à *comunidade* no contexto da Associação Lassalista.

2 A serviço da comunhão para a missão

A *comunidade* é a estrutura que permite realizar ou concretizar, de maneira orgânica a *comunhão para a missão*. Diferencia-se, pois, essencialmente, de uma equipe de trabalho, de um grupo de reflexão, de um grupo de oração... ainda que a comunidade possa reunir todos esses aspectos.

O vínculo que une a *comunhão* com a *missão* e o *carisma*, em definitivo é o Espírito presente nas pessoas que compõem a comunidade. O *carisma lassalista* desenvolve na comunidade um dinamismo de escuta, diálogo e resposta às exigências que vêm da missão. O *carisma* incrementa a solidariedade entre as pessoas e a unidade dos corações, ao mesmo tempo que vai descobrindo o sentido profundo de quanto se está vivenciando.

3 A comunidade lassalista é o resultado prático desse dinamismo de *comunhão e missão* à luz do *carisma lassalista*. Neste diálogo entram em jogo os diversos carismas pessoais ou vocacionais, os estados de vida, as opções... e dá como resultado as diversas *comunidades lassalistas*: comunidades religiosas de Irmãos/irmãs, comunidades de leigos, comunidade de religiosos e leigos... Designa, pois, realidades ou estruturas bastante diferentes quanto a ritmos de encontro, dependência mútua, participação de bens...

A relação e dependência de umas comunidades lassalistas com outras dá lugar a mais um nível de comunhão, que produz a Província como *comunidade de comunidades*. E, num nível mais amplo, podemos referir-nos à *Comunidade Lassalista mundial*, entendida sempre como *comunhão de comunidades*, ou a Família Lassalista.

Dentre as comunidades lassalistas locais podemos especificar e distinguir:

3.1. As Comunidades Educativas das Obras Lassalistas, são formadas pelos educadores (não só os professores) que intervêm na educação dos destinatários da obra. Em sentido amplo, a locução “comunidade educativa” inclui também os destinatários, quer sejam crianças, jovens ou adultos.

O que converte uma comunidade educativa numa comunidade lassalista é a existência em seu interior dos dinamismos associativos que são características do carisma lassalista, em especial:

- Um modo de viver em solidariedade e fraternidade, promovido entre os membros da comunidade educativa;

- A escuta comunitária aos apelos das crianças e dos jovens, especialmente os pobres; e, portanto, um esforço permanente para organizar a obra educativa em função das pessoas concretas dos alunos, de suas necessidades, especialmente as daqueles que requerem maior atenção;
- Uma participação solidária na responsabilidade da missão;
- A busca conjunta do sentido profundo da ação educativa através da espiritualidade lassalista

Naturalmente, a presença destes dinamismos dependerá, em grande parte, que no interior da comunidade educativa exista alguma comunidade de fé que vivencie intencionalmente o carisma lassalista, e atue como fermento na comunidade.

3.2. Comunidades cristãs: Os membros destas comunidades são unidos por vínculos explícitos de fé cristã e pela intenção, também expressa, de desenvolver entre si laços de comunhão, e a partir dessa comunhão servir a missão educativa, guiados pelo carisma lassalista.

A estrutura comunitária dessas comunidades é muito variável: em alguns casos o momento de encontro comunitário é de periodicidade semanal ou quinzenal, ainda que costumem ser acompanhados de momentos de convivência mais intensa ou prolongada várias vezes durante o ano; mas não faltam os casos de comunidades cristãs lassalistas com vida em comum sob o mesmo teto, com um ritmo diário de oração comunitária, e em alto nível de comunicação e de participação de bens, e tudo isto motivado pela missão educativa lassalista.

3.3 Comunidades de fé de diversas confissões, formadas por crentes de diferentes religiões. A missão os congregou, o desejo de dar uma resposta às necessidades dos pobres, e se encontram juntos trabalhando na Obra de Deus. Muitos elementos da espiritualidade lassalista os ajudam a encontrar o mesmo sentido ao que estão vivenciando, ainda que cada um acresça a perspectiva de sua própria religião. Para todos eles João Batista de La Salle é um mestre de vida e de espiritualidade.

4 Reservas

O emprego do termo "*comunidade*" para designar a comunhão de leigos, topa com reticências em alguns ambientes, por este termo, tradicionalmente, se referir a *comunidade religiosa*, ou por torná-lo equivalente a "*vida em comum*", sob um mesmo teto. Em outros ambientes, a reticência se apresenta por parecer que corresponde a uma realidade muito exigente, pelo que se prefere utilizar o termo "*grupo*" em vez dele.

PROVÍNCIA - DISTRITO

1 A Província como unidade organizativa do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs

No contexto lassalista, o novo termo "Província"(originariamente Distrito") designa a unidade básica para a organização territorial do Instituto, e que agrupa um certo número de Irmãos sob a obediência de um Irmão Provincial (antes Visitador). O termo Província, novo, atualmente é usado em vez de Distrito pela maioria das Congregações Religiosas. A Província "manifesta e alimenta a união fraterna, que permite a todos, Irmãos e Comunidades, entreajudar-se na realização conjunta do compromisso de sua vida e de sua tarefa apostólica" (*Regra 124*).

Na atual situação de florescimento do carisma lassalista na Igreja-Comunhão, a Província está sendo o espaço de reconhecimento das novas formas de vida lassalista, o “*marco de referência*”, como o Capítulo Geral de 2000 a denomina, onde tomam forma as estruturas da nova realidade associativa lassalista.

2 Rumo a um novo conceito de Província, que antes era Distrito

Neste novo contexto, e na medida em que se vai incrementando esta nova realidade associativa, também se está abrindo o caminho a um novo conceito do que era Distrito Lassalista como estrutura organizativa que favorece a comunhão da Família Lassalista ao serviço da missão educativa lassalista. Para isto, a Província, esse novo Distrito:

- Garante que a formação no carisma lassalista chegue a todos os membros;
- Fomenta o relacionamento humano, e partir dele a comunhão entre as comunidades e entre os membros das comunidades;
- Permanece atenta para que todos os responsáveis pela orientação das obras educativas lassalistas tomem consciência de que o serviço educativo a pobres é uma prioridade fundamental (*Circular 447, pág. 15*).
- Onde existirem diferentes grupos ou instituições lassalistas, a comunidade provincial favorece uma resposta coordenada para as necessidades da missão, tanto no discernimento das Obras atuais como na criação e no pôr em operação de novas obras;
- Promove a busca partilhada, a opção solidária por respostas às necessidades da missão, a elaboração co-responsável dos projetos e a atuação subsidiária entre todos os que compartilham a missão;
- Incrementa um estilo de financiamento e de administração dos recursos econômicos que tenda a diminuir a dependência das contribuições provenientes das estruturas dos Irmãos, e estimula a responsabilidade partilhada de todos os associados na sustentação econômica da Associação;
- Apoiando-se nos pontos anteriores, estimula entre seus membros o sentimento de pertença: à Província, à história viva lassalista, ao conjunto dos associados lassalistas.

A Província toma como base de sua organização a comunidade, não a obra educativa, e se configura como uma comunidade de comunidades lassalistas. Nisto não se diferencia do distrito tradicional. A diferença está no fato de que as comunidades começam a ser muito mais diversificadas, na composição de seus membros e, conseqüentemente, também no ritmo e no tipo de vida comunitária.

**** O que foi dito até aqui sobre a Província vale em tudo, ou em grande parte, para a Região (*R 127*), como agrupamento de Províncias por afinidade geográfica ou cultural, e para as organizações territoriais afins à Província, como a Sub-província (ou Vice-Província) (*R 125c*) e a Delegação (*R 126*).

FAMÍLIA LASSALISTA

1 Um conceito inclusivo

A locução “*Família Lassalista*” refere-se a todos aqueles que participam no projeto educativo lassalista, especialmente aqueles que assumem o processo de partilhar o espírito e a missão de São João Batista de La Salle” (*42º Capítulo Geral, Circular 435, Proposição 49, pág. 47*).

Este esclarecimento ou definição dada pelo 42º Capítulo Geral (1993) faz da Família Lassalista uma conceituação *inclusiva*, pois abarca a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, nos níveis mais superficiais ou nos mais profundos, participam no *projeto educativo lassalista* (conceito igualmente muito amplo, que não se limite às obras ou centros do Instituto dos Irmãos). Ao mesmo tempo supõe diferentes graus ou níveis de pertença, como acontece em qualquer família. Mas, não é uma pertença estática ou invariável, mas dependente de um *processo* no qual se pode avançar mais ou menos. O processo de pertença à Família Lassalista se desenvolve *ao partilhar o espírito e a missão de São João Batista de La Salle*.

“Família Lassalista”, portanto, não é equivalente ao “conjunto de associados lassalistas, mas este conjunto faz parte da Família Lassalista e constitui seu núcleo central ou vital, a modo de garantia que lembra constantemente a toda a Família o espírito que deve animá-la, e a missão para a qual existe.

2 Evolução do conceito

O conceito de “Família lassalista” tem aparecido nos documentos do Instituto desde o Capítulo Geral de 1976 (*Circular 403, nº 6*), mas não foi aceito igualmente em toda parte. Pode dizer-se que a partir do ano 2000, já é de uso comum no mundo lassalista para incluir sob o mesmo “guarda-chuva” a *“todas as pessoas, grupos ou movimentos que encontraram sua inspiração no enfoque educativo e na espiritualidade de São João batista de La Salle”* (cf. Elucitação de Termos, no final da Circular do Conselho Geral: *“A Missão Lassalista: Educação Humana e Cristã: Uma Missão Partilhada”*. 1997. *pág.160*).

Atualmente se está operando uma mudança gradual de mentalidade, especialmente entre os Irmãos, mas também entre outros lassalistas, quanto à maneira de considerar a Família Lassalista a respeito do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. A mudança consiste em deixar de pensar a Família Lassalista em torno do Instituto dos Irmãos, para pensá-la em torno da missão educativa lassalista. O Instituto deixa de ocupar o centro, e passa a situar-se como um planeta a mais no sistema planetário lassalista, junto a outros planetas que giram em órbitas distintas em torno da missão educativa lassalista, o verdadeiro “Sol” de nosso sistema. Nesta mudança de centro, o Instituto dos Irmãos, por sua capacidade organizativa e por ser o primeiro garantidor do carisma lassalista, deve ter a iniciativa de promover novas estruturas, tais como a Assembléia Internacional de “Associados para a Missão Educativa Laassalista”, onde se façam efetivas a comunhão e a partilha de protagonismo entre toda a Família Lassalista.

O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS ⁸

“La Salle quis que o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs fosse a primeira forma de associação” (Circular 447, 43º Cap. Geral, página 6). Do ponto de vista canônico, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs se inclui entre as formas de vida consagrada na Igreja, como um *instituto religioso*: ⁹ “O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, aprovado pela Bula *“In apostolica dignitatis solio”*, do Papa Bento XIII, é um Instituto de Direito pontifício, integrado unicamente por religiosos leigos (R 2).

⁸ Um Instituto Religioso é uma Sociedade cujos membros, de acordo com o direito próprio, emitem votos públicos, perpétuos ou temporários, renováveis, após vencer os prazos temporários, e vivem vida fraterna em comum”. (*Código de Direito Canônico, cânon 607, 2*).

⁹ O acrônimo F.S.C. corresponde às iniciais das palavras latinas (caso genitivo) *“Fratrum Scholarum Christianarum”*: “dos Irmãos das Escolas Cristãs”.

O emprego do termo *Instituto* (Instituto Lassalista...Instituto dos Irmãos...) nem sempre é o correto. Normalmente se refere à instituição religiosa formada pelos Irmãos das Escolas Cristãs e as obras que dependem diretamente dela. Todavia, com frequência também é usado como equivalente do mundo lassalista, ou da Família Lassalista; por exemplo, quando se diz que “o Instituto, em 2006, celebra a 1ª Assembléia Internacional da MEL”... Na realidade, não é o Instituto, mas o conjunto dos associados lassalistas, ou a Comunidade Lassalista Mundial, em que se inclui o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Mais confuso ainda é o afirmar que “o Instituto está aberto ao ingresso dos leigos”, ou que “os leigos associados pertencem ao Instituto”. Estas asserções fazem o Instituto equivaler com o conjunto dos associados lassalistas, o que não corresponde à realidade. A nova Associação Lassalista que está surgindo na Igreja-Comunhão não implica que se o Instituto se amplie com o ingresso dos associados leigos nele, mas que o próprio Instituto se vai integrando em outra realidade mais ampla que é o novo conjunto de associados lassalistas, religiosos/as, leigos, sacerdotes...